



CENÁRIO

Ųasta sala de paço real. Portais, cortinas e reposteiros. Comunicação com a câmara onde agoniza a rainha. Balaustrada servida de escadarias para o Coro, que deve ficar em situação independente, em vista de seu caráter impessoal e impassível. Não toma ele, propriamente, parte na ação, a não ser para conduzir ao mundo exterior o príncipe Sigismundo; suas falas não são ouvidas pelos personagens. Somente Sigismundo as pressente, e assim mesmo, na parte final e como que numa ressonância interior. Porta secreta, disfarçada por cortinas, conduzindo à cela de Sigismundo.

Penumbra e silêncio. Poucos castiçais acesos. Numa cadeira, ESTELA repousa com a cabeça apoiada no braço. O ESPIÃO, vindo do quarto da rainha, esgueira-se pela sala e vai sair, mas de repente esconde-se atrás de uma cortina. RODOLFO sai do quarto da rainha.

RODOLFO — Estela! Estela! A rainha está morrendo.

ESTELA — Meu Deus!

RODOLFO — Diz ao rei que venha. Chama todos.

Sai ESTELA. RODOLFO volta ao quarto. O ESPIÃO sai de seu esconderijo e retira-se apressadamente, evitando ESTELA, PATRÍCIO, CARLOS e BERNARDO, que entram enquanto ele sai pelo lado oposto. RODOLFO aparece à porta do quarto.

PATRÍCIO — Como está ela, Rodolfo?

RODOLFO — Morreu, senhor.

PATRÍCIO — Morta, já? Não é possível, quero vê-la. *(Entra no quarto com ESTELA e CARLOS.)*

BERNARDO — Morreu logo, a rainha?

RODOLFO — Morreu sim.

BERNARDO — É uma desgraça para todos nós. Que tendes? Vossas mãos tremem.

RODOLFO — É a morte. Que coisa terrível é a sua presença!

BERNARDO — Agora, os rebeldes atacarão. Esperavam somente a morte da rainha.

RODOLFO — Por que não os atacamos nós, antes que saibam da notícia? Poderíamos romper o cerco aproveitando a surpresa e a escuridão da noite.

BERNARDO — O plano do rei é outro. Precisamos ganhar tempo, até que cheguem reforços da província. Enviei mensageiros a Marcílio, pedindo-lhe que viesse parlamentar antes do ataque. Em breve saberemos de sua resposta. Vou ordenar que tragam o ataúde em que ficará o corpo. *(Sai. Entra CLÁUDIA.)*

RODOLFO — Cláudia...

CLÁUDIA — *(Repelindo-o.)* Deixa-me. Então eras tu quem cuidavas da rainha?

RODOLFO — Era.

CLÁUDIA — E deixaste-a só, apesar de tudo?

RODOLFO — Deixei-a, sim.

CLÁUDIA — A tanto chega então tua maldade! Ela morreu por tua culpa.

RODOLFO — Estás enganada. Confia em mim.

CLÁUDIA — Confiar em ti! Não gosto de ouvir a tua voz. Ela parece suja de sangue, de um sangue que não é somente o teu. Eu nunca te perdoarei. Quero que saibas disso agora, quando a rainha acaba de morrer. Tu me pagarás.

Entra ESTELA.

ESTELA — Rodolfo, atende ao rei. Ele te chama. *(Sai RODOLFO para o quarto.)*

CLÁUDIA — Que tem o rei?

ESTELA — Creio que deseja ordenar qualquer coisa quanto à revolta. Ficou lá, sentado junto ao corpo da rainha, sem nada dizer. Rompeu o silêncio somente para chamar Rodolfo e perguntar pela resposta dos rebeldes.

CLÁUDIA — É isso que se chama um homem de estado, um heroico homem de estado. No entanto, a rainha...

ESTELA — Cláudia, que tens?

CLÁUDIA — Nada. É que não posso ver a rainha morta e o resto continuar como se nada tivesse acontecido. Eu a amava muito.

ESTELA — Na verdade, foi ela a mãe que nós conhecemos. Entra. Vai vê-la pela última vez. Vão colocá-la já no ataúde.

CLÁUDIA — Não. Não quero vê-la morta. É como se fosse eu própria.

ESTELA — Não temas, minha irmã. A morte não a marcou tanto assim.

CLÁUDIA — No entanto não posso vê-la. Irei depois que o ataúde estiver fechado. Para mim, sua morte é mais terrível do que qualquer outra.

ESTELA — Por quê?

CLÁUDIA — Porque ela pertencia à mesma raça a que pertenço.

ESTELA — No entanto tu és moça, ainda. Para o rei é muito mais terrível. Muito triste deve ser a morte de uma pessoa amada quando a velhice se aproxima.

CLÁUDIA — Cala-te. Ele aí vem.

Entram PATRÍCIO, CARLOS e RODOLFO.

ESTELA — *(Abraçando PATRÍCIO.)* Meu tio!

PATRÍCIO — *(Dominando-se.)* Quero que o corpo fique onde está, enquanto não possamos realizar os funerais.

CLÁUDIA — A essa será erguida lá. Bernardo tomou todas as providências.

PATRÍCIO — De repente, tudo parece vazio. Parece que só a morte é que dá a medida de cada um de nós. Quão mesquinha e triste deve ser a condição de homem para que essa verdade seja possível!

CARLOS — É um fato, entretanto.

PATRÍCIO — Que tens, Carlos? Estás mortalmente pálido.

CARLOS — (*Sentando-se.*) Não é nada. O choque foi muito grande para mim. Eu adormecera, de cansado, e acordei com a voz de Estela anunciando a morte. Fiquei transtornado.

ESTELA — Descansai um pouco. Ainda não dormistes desde a vossa chegada.

Entra BERNARDO.

BERNARDO — Senhor, perdoai que vos fale agora dos assuntos de estado, mas é necessário que o faça. Os enviados dos rebeldes em breve estarão aqui.

CARLOS — O tempo urge. Que pensas lhes propor, Patrício?

RODOLFO — Uma ação decidida romperia o cerco. Deixai-me tentá-la, meu tio.

PATRÍCIO — Não. Aguardo reforços da província ao amanhecer. Meu desejo é retardar o assalto até que cheguem as tropas, para então atacá-los por dois lados. Agora, estamos em situação inferior. Quando a embaixada chegar, deixai-me falar à vontade. Não vos espanteis do que eu disser.

BERNARDO — O que me espanta em tudo isso é ver Marcílio à frente dos rebeldes. Ele que sempre foi tão devotado ao trono.

RODOLFO — Não te iludas. Ele aspira ao trono baseado no seu parentesco com o rei.

PATRÍCIO — Que rumores são esses?

BERNARDO — Senhor, é a embaixada dos rebeldes. Marcílio veio pessoalmente, escoltado por nossos oficiais.

PATRÍCIO — Deixai-nos sós aos homens.

Saem CLÁUDIA e ESTELA. BERNARDO faz um gesto à porta. MARCÍLIO entra e ajoelha-se diante do rei.

PATRÍCIO — Ergue-te, Marcílio. Por que fingir o gesto de uma obediência que não me prestas mais?

MARCÍLIO — A minha lealdade é sempre a mesma. Hei de provar o que vos digo. Antes de tudo, porém, deixai-me prestar minhas homenagens à rainha.

PATRÍCIO — Espera. Cuidemos do interesse do estado. Não vês o sacrifício que exijo de mim próprio? Quais são as exigências dos teus? Reduze-as a um mínimo, para tentarmos a paz.

MARCÍLIO — Já as reduzi, na proclamação que lancei ao reunir o meu exército, senhor. Exigimos, antes de tudo, a expulsão dos estrangeiros dos postos-chave do exército.

CARLOS — Falando claramente, é contra meu filho que o povo se rebela.

MARCÍLIO — Exatamente, senhor. O exército comandado pelo filho de um duque estrangeiro será sempre um perigo para a sua própria pátria.

PATRÍCIO — Rodolfo é meu sobrinho.

MARCÍLIO — Mas não nasceu aqui. *(A CARLOS.)* E o senhor perdeu a cidadania, quando aceitou o ducado estrangeiro.

PATRÍCIO — Por que tanta desconfiança, Marcílio? Rodolfo sempre me foi leal e prestou grandes serviços ao exército.

MARCÍLIO — Estais enganado. O príncipe Rodolfo não vos é leal.

RODOLFO — Prova então qualquer ato desleal que eu tenha cometido contra o rei.

MARCÍLIO — Espero fazê-lo dentro em breve. Por enquanto, sabeis somente, senhor, que se não nos tivéssemos levantado, a estas horas o trono estaria em mão dos estrangeiros.

CARLOS — Que insinuação é esta? Que queres dizer?

MARCÍLIO — Julgai que não sabemos que sentido teve a vossa viagem apressadamente resolvida para aqui?

CARLOS — Vim ver minha cunhada que estava à morte!

MARCÍLIO — Vínheis forçar a renúncia do rei quando da morte da rainha, isso sim. Como o rei não tem filhos, o sucessor indicado no caso de abdicação seria o príncipe Rodolfo. Eis aí o que tramáveis ao vir para cá: a queda do rei e a conquista do poder.

PATRÍCIO — Mesmo que fosse verdade o que dizes, o problema em que tocaste é inevitável. Não tenho filho que me suceda, de modo que ao morrer...

MARCÍLIO — Por isso mesmo nós exigimos uma solução agora. Esta é então a segunda exigência. Desejamos a vossa renúncia imediata em favor de vossa sobrinha mais velha.

PATRÍCIO — Em favor de Cláudia? O reino precisa de um pulso de homem. Na verdade, eu, Bernardo e teu pai organizamos o estado de tal forma que a máquina funciona sozinha. Mas, mesmo assim, não é tarefa para mulheres.

MARCÍLIO — Eis outro ponto que sonho corrigir. Talvez eu vos desgoste, mas espero que a nova rainha deixe ao povo o direito de organizar de outro modo o estado. As vossas reformas...

PATRÍCIO — São consideradas por todos um grande benefício, a grande obra de meu reinado.

MARCÍLIO — Eu não penso assim, senhor. O estado, do modo como o deixastes, impede os homens de entrarem em comunhão com o seu rei.

BERNARDO — Tua paixão te cegou a este ponto? Felizmente teu pai é morto.

MARCÍLIO — Meu pai era um cego, ele sim. O rei abandonou o posto que ocupava. Era o filho mais nobre de seu povo, investido por este da coroa, para que o servisse, humanizando as formas do poder. Que faz o rei agora pela pessoa de cada súdito?

CARLOS — Achas que serias um rei melhor? Teu modo de falar insulta o rei.

MARCÍLIO — Por quê? Não podeis mais ouvir a voz de um homem, senhor? De um homem que conseguiu romper essas cadeias do estado à custa de sacrifícios incontáveis?

PATRÍCIO — E para que forçaste este rompimento? Em busca de quê? O que desejas, na verdade, é configurar o estado a teus sonhos.

MARCÍLIO — Deixai os meus sonhos em paz. Vós não sabeis...

BERNARDO — Deixemos antes essa inútil discussão. O que importa é tentar uma solução pacífica. O rei tem razão em dizer que o reino precisa de um pulso de homem. Por outro lado, teus homens não se conformam com a sucessão do príncipe Rodolfo, por ser estrangeiro. Na verdade, porém, é ele o sucessor legítimo do rei, não se falando de seu pai...

CARLOS — Eu, de modo nenhum aceito a sucessão.

BERNARDO — É o que eu julgava. O príncipe é assim o descendente mais próximo em linha masculina. Proponho o seu casamento com a princesa Cláudia, como solução. Que achas, Marcílio?

PATRÍCIO — É uma proposta razoável. Eu renunciaria, como desejas, em favor de Cláudia, e Rodolfo auxiliaria seu reinado, como esposo e conselheiro.

MARCÍLIO — Em que estaria mudada a situação? O rei de fato seria o príncipe.

PATRÍCIO — Recusas a proposta, então?

MARCÍLIO — Recuso.

PATRÍCIO — Mas se eu renunciar ao trono em favor de Cláudia, como queres, ela terá de casar de qualquer forma.

MARCÍLIO — Se ela aceitar a sucessão, deve se curvar às exigências do seu cargo e aceitar também a decisão do conselho quanto ao esposo que lhe convém.

RODOLFO — E esse esposo serás tu, com certeza...

MARCÍLIO — Só no rei reconheço autoridade aqui, senhor. Qualquer sugestão que não parta dele não tem nenhum sentido para mim.

PATRÍCIO — Vai então e consuma o teu ataque traiçoeiro contra o melhor amigo de teu pai. Nada mais temos a dizer.

MARCÍLIO — Está bem, irei. Hei de voltar, não para vos trair, como dissestes, mas para alijar daqui os verdadeiros traidores.

BERNARDO — Marcílio, espera um pouco.

PATRÍCIO — Deixa ir o conde, Bernardo.

BERNARDO — Devo fazer revelações que talvez mudem completamente o destino do reino, senhor. A rainha proibiu-me de falar nesse assunto a qualquer pessoa. Sei no entanto que, para evitar a guerra, ela me desligaria de meu juramento. Além disso, no seu delírio, falou-me ela do fato, como se desejasse que vós dele tivésseis conhecimento, pois ao falar, referia-se também a vós. E como está ela morta, peço-vos autorização para revelar tudo.

PATRÍCIO — Que tens a revelar? Tens a minha inteira aprovação. Fala.

BERNARDO — Meu senhor, tendes um filho.

PATRÍCIO — Um filho? Eu?

BERNARDO — Sim, vós.

PATRÍCIO — Estás louco.

BERNARDO — Estou em meu perfeito juízo. Se digo que tendes um filho é porque tenho certeza.

CARLOS — Que história misteriosa é essa? Um filho que nem o pai conhece e de quem nunca se ouviu falar?

BERNARDO — Somente eu e a rainha sabíamos de sua existência. Por ordem de vossa esposa, eu mesmo o eduquei em segredo, numa cela secreta, fechada aos olhos estranhos por uma enorme porta de pedra.

RODOLFO — Segurai o rei, meu pai!

PATRÍCIO — Então...

MARCÍLIO — Acalmai-vos, senhor.

PATRÍCIO — Deixa-me, já passou. Onde está meu filho? Onde é a cela?

BERNARDO — (*Erguendo um reposteiro.*) No fim deste corredor há outra porta secreta que somente eu e a rainha conhecíamos. Esta porta leva à morada onde está o príncipe.

RODOLFO — E nunca nenhum de nós viu essa cela, sendo ela cravada no paço?

BERNARDO — É de pequenas proporções e habilmente disfarçada pela arquitetura. Foi construída durante a noite, por um arquiteto e operários estrangeiros, que foram depois recambiados para seu país.

CARLOS — Enfim, é uma prisão. Não temes que o rei te castigue se se provar que é verdadeira a tua história?

BERNARDO — Limitei-me a cumprir as ordens da rainha. Pedi-lhe que me desse documentos que provassem ter eu apenas executado suas ordens. Afinal, talvez um dia tudo se viesse a descobrir e tratei de ressalvar a minha responsabilidade.

RODOLFO — E guardaste segredo por tanto tempo?

BERNARDO — A rainha o exigiu de mim. Fez-me mesmo jurar que nada diria a ninguém.

RODOLFO — Devias ter revelado tudo ao rei, pelo menos. Antes do juramento que fizeste a ela estava o que tinhas feito ao rei, na qualidade de teu senhor e soberano.

BERNARDO — O rei estava ausente.

CARLOS — Estás certo disso? Absolutamente certo?

BERNARDO — Estou, sim. Por quê?

CARLOS — Por nada.

BERNARDO — Não vos lembrais, senhor, da viagem que fizestes por todo o reino, antes de iniciarmos as reformas?

PATRÍCIO — Lembro-me, sim. Foi nos princípios do meu reinado.

BERNARDO — Quais foram as ordens que me destes ao partir?

PATRÍCIO — Que obedecesses a minha esposa como a mim próprio.

BERNARDO — Vosso filho nasceu durante essa ausência. A rainha ocultara cuidadosamente a gravidez, para que não ficásseis preocupado com ela. E como me ordenou que me calasse quanto ao nascimento, obedeci-lhe cegamente, cumprindo vossas próprias ordens.

CARLOS — Quando o rei partiu para essa viagem eu não aceitara ainda o ducado e aqui fiquei. Nunca ouvi sequer uma referência ao parto da rainha. Como se explica isto? Aqui se sabe tudo o que acontece.

BERNARDO — Certamente não vos esquecesteis ainda, senhor, de que a rainha viajou também, enquanto o rei estava fora. Soubestes da viagem depois, quando a rainha vos mandou uma carta dizendo que tivera de sair apressadamente para uma província...

CARLOS — É verdade. Somente tu foste com ela.

BERNARDO — Lembrai-vos? Foi para ter o filho que ela se ausentou. Saímos do paço à noite, vestidos modestamente. Pouco viajamos, porém, pois a rainha começou a se sentir mal e pedimos abrigo a um pastor que dormia numa gruta, nos arredores da cidade. Chamava-se ele Clemente e nunca soube que a hóspede era a sua rainha. Ali perto da estrada, naquela gruta exposta ao vento da noite, vosso filho nasceu, meu senhor.

PATRÍCIO — Com que direito me trataste assim, Bernardo? E a rainha... Por que tanto mistério? Esconder-me a existência de meu filho!

BERNARDO — Quanto a mim, limitei-me a obedecer, como já disse. Mas a rainha agiu assim para bem do reino e de sua família. Creio que é conhecida de todos a tradição segundo a qual o reino sofreria males inumeráveis, se viesse a ser governado por um príncipe chamado Sigismundo...

CARLOS — É verdade. O primeiro rei de nossa dinastia era muito amado pelo povo e foi um grande rei, uma espécie de santo. Como se chamava

Sigismundo, surgiu, depois dele, uma tradição entre o povo de que o outro que assim se chamasse seria um sinal de trágicos acontecimentos, não só para o reino, mas para toda a sua família.

BERNARDO — Vosso filho se chama Sigismundo. O parto da rainha foi difícil e o menino quase morre. Temendo a sua morte repentina, Clemente, o pastor, batizou-o com o nome do santo cuja festa se celebrava, que era o rei borguinhão, São Sigismundo. Assim, por acaso do destino, e sem que para isto interferíssemos, cumpriu-se a profecia na criança. Por outro lado, na noite anterior, a rainha sonhara um parto negro, em que uma coisa terrível cobria um animal desconhecido, de forma estranha. Não me recordo bem de suas expressões, mas ela estava aterrorizada, e temendo que o filho fosse realmente mau, que causasse ao pai e ao reino os males que seu nome lhe cravara na carne, ordenou-me, contra minha opinião, que me calasse, e construiu a prisão em que viveu seu filho, desde que teve idade para isso até agora. Até que atingisse essa idade, viveu ele na gruta, pois a rainha encarregou o pastor de criá-lo. Quando estava em idade de suportar a prisão, eu o fui buscar e encerrei-o na cela, que já estava pronta.

RODOLFO — Não acredito em tua história. É fantástica demais.

BERNARDO — Eu nunca vos menti. Os fatos aí estão e contra os fatos os homens são impotentes, nada conseguem, mesmo com o sacrifício da vida.

RODOLFO — E por que te resolveste a desobedecer à rainha agora?

BERNARDO — Já disse que lhe obedeci contra a minha vontade. Os documentos que tenho provarão o que digo. Enquanto era viva a rainha, guardei o silêncio que devia. Morta como está agora, porém, de que lhe serviria seu segredo? Além disso, o príncipe Sigismundo é o herdeiro legítimo do trono, e já que a revolta é causada pela falta de filhos do rei, pensei que revelando tudo talvez se evitasse a luta. Enfim a tradição não é infalível e...

PATRÍCIO — Condenar o filho a tamanha sujeição, baseada numa lenda. Por que ela fez isso? Vai e traze meu filho.

RODOLFO — Os rebeldes concordarão com essa reviravolta de seus planos?

MARCÍLIO — Creio que sim. O povo sonha sempre com alguém como ele, surgido como por milagre para o servir. Enfim, veremos. Que caráter tem o príncipe? Desmente a tradição?

BERNARDO — Eu pouco convivi com Sigismundo. Tinha que vê-lo pela pequena abertura por onde lhe levava os alimentos e o vestuário. Essa abertura é também fechada por fora e move-se por meio de um maquinismo especial, independente do que move a porta principal. Esta nunca foi aberta, por ordem da rainha. Entretanto, essa pouca convivência bastou-me para verificar que ele tem a inteligência muito viva e sobretudo um caráter ardente.

PATRÍCIO — Sua mãe visitava-o?

BERNARDO — Não, nunca o visitou. Certa vez estive a ponto de fazê-lo. Chegou até a entrada da cela. Sucedeu, porém, que o príncipe estava triste, o que lhe acontece às vezes, e chorava com tanto desengano que a rainha parou, aniquilada, e voltou correndo. Ao chegarmos aqui, ela chorava. Nunca mais voltou a falar nisso.

PATRÍCIO — Ah, Bernardo, como chegaste a permitir tal coisa? Meu único filho criado assim, nesta solidão terrível, sem culpa nenhuma da parte dele!

BERNARDO — Vossa esposa mandou e eu obedeci.

PATRÍCIO — Deixa. Confio em ti. A culpa não foi tua. Nem da rainha também.

BERNARDO — A culpa foi das circunstâncias. Elas tudo podem contra nós.

PATRÍCIO — Mesmo assim, terei coragem de encarar meu filho? Quantas mudanças não sofrerá ele, ao entrar em contato com o mundo?

BERNARDO — O príncipe é culto e inteligente, meu senhor, pois apesar de as circunstâncias não terem permitido que ele aprendesse a ler, cuidei de dar-lhe instrução oral.

PATRÍCIO — Apesar de tudo, o choque é muito grande. Será uma experiência terrível para ele, terrível e dolorosa. De que maneira poderíamos suavizá-la?

BERNARDO — Pensei em dar-lhe uma bebida qualquer, dessas que fazem dormir. Acordaria ele aqui, já como príncipe. Dir-lhe-íamos então que toda a sua vida anterior foi sonhada. Talvez assim ele aceite mais facilmente o que se passou e que é, portanto, inevitável.

CARLOS — Ele não conhece a sua condição de príncipe?

BERNARDO — Não. Nada sabe sobre si nem sobre os seus. Interrogava-me sempre sobre os pais, sobre as condições de sua origem. Mas a rainha me proibira de revelar tais coisas ao príncipe e eu me calei.

PATRÍCIO — Por quê? Por que até isso lhe negaste?

BERNARDO — Para lhe evitar um desgosto maior. Quanto mais alta fosse a sua condição, mais triste lhe seria a sua falta.

PATRÍCIO — Não fales mais! Que ele venha logo! Coitado, até do nome foi despojado.

CARLOS — Renunciarás ao trono em seu favor?

PATRÍCIO — Não sei. Estou um tanto confuso. O que quero é ver meu filho. É preciso também saber a opinião dos rebeldes.

MARCÍLIO — Eu consultarei os comandantes. Voltarei agora mesmo ao campo e proclamarei o fato ao exército. Nada posso dizer antes de ouvir a todos.

PATRÍCIO — Esperarei aqui tua resposta. Volta tu mesmo. Se concordarem nisso os teus comandados e a luta puder ser pelo menos adiada, serás meu hóspede. Juntos, verificaremos se meu filho é capaz de constituir uma solução para o problema comum.

MARCÍLIO — É uma prova de confiança que não esquecerei. Dai-me licença.

PATRÍCIO — Vai.

Sai MARCÍLIO.

BERNARDO — Para onde devo mandar o príncipe?

PATRÍCIO — Traze-o para cá. Teu plano é bom. Que ele venha adormecido. Ao despertar, convence-o de que esteve doente desde o dia em que nasceu, mergulhado assim num torpor quase de morte. Dize-lhe que toda a sua vida anterior foi sonhada. Talvez assim ele nos perdoe o que lhe fizemos. Pobre filho! Não conhecerá nunca a sua mãe e encontrará a pátria em guerra. Esta, porém, está adiada. Estamos pelo menos ganhando tempo, graças a ele. Talvez os reforços cheguem ao amanhecer. Até lá, que ele acerte a desempenhar o seu papel.

BERNARDO — Devo vesti-lo bem, para isso. Suas roupas são velhas e rasgadas como as de um mendigo. Para evitar suspeitas, só lhe levava as

roupas que os outros abandonavam aqui, por muito velhas.

PATRÍCIO — Quem tem aqui sua compleição?

BERNARDO — O príncipe Rodolfo.

PATRÍCIO — Veste-o com uma roupa dele. E agora, a cuidar dos funerais. Que o corpo seja velado pelos membros da família real, por turnos. Mandarei Estela para cá. Sinto-me cansado, triste e só. Não quero ver meu filho assim.

Sai com BERNARDO.

RODOLFO — Como sabia Marcílio que a rainha estava morta? Meu pai! Em que estais pensando, tão distraído?

CARLOS — Não é nada. Que disseste?

RODOLFO — Marcílio já sabia da morte da rainha.

CARLOS — Certamente lhe disseram quando ele vinha. As notícias logo se espalham. Em que dia nasceu Sigismundo? Ouviste Bernardo dizê-lo?

RODOLFO — Não sei. Não me lembro. Por quê?

CARLOS — Por nada.

RODOLFO — Saíamos. É preciso descansar para podermos velar o corpo.

CARLOS — Por aí não. Não quero mais vê-la.

RODOLFO — Já devem tê-la colocado no ataúde.

CARLOS — Rodolfo, crês na ressurreição da carne?

RODOLFO — Na ressurreição da carne? Não sei. Não penso nisso. E vós?

CARLOS — Eu queria poder acreditar, mas não posso, não posso de modo nenhum.

RODOLFO — Vamos. Que noite terrível!

Saem. Na penumbra crescente, chega o CORO, com máscaras brancas aderentes ao rosto e mantos negros, conduzindo SIGISMUNDO adormecido. Deixam-no no meio da sala e sobem pelas escadas para a plataforma.

CORO

Areia amarga, barro solitário
Em que o mar fatigado se alanceia,
Praia de sono e movimentos vãos
Atracada na noite sem começo!
Grande raça sem rumo, a dos humanos!
Pobres gestos de amor e de esperança
Perdidos nesses mares impassíveis.
Caminhos, gerações, ecos e vozes
Deitados pela areia sonolenta.
Quem não teme o desvelo e a sentinela?
O cego, tateando o muro e a ruína,
Espera o gume, o grito e seu traspasse:
Mas para, à voz do corno e da trombeta,
Ante o triste destroço e a nova treva.
Pressentirá talvez um outro parto?
Quem não teme a medida e seu entalhe?

O cabrito, gemendo no deserto,
Sonha o tempo em que as águas se cumpriram.
No entanto, eis que a sação mortal desponta:
Caminhara no ventre a porta e a estrada
Preparara no parto a sede estéril,
E abraçam-se na carne o arco e o termo,
O despertar do ventre e seu suspiro.
Ó torre! Ó pedra! Ó rastro! Ó fenda vã!
Junge a coluna, cinge o teu açoite,
Come a cinza da própria solidão,
Que nas asas de cal do rito imóvel
Talvez guareça o pus, a chaga e o pó.

SIGISMUNDO — Poder-se-á, porventura, subsistir envolvido por outra vestidura que não a treva e a sombra? Onde estou? Um mundo estranho e grande. É mais um sonho sem sentido. Se eu me mover, tudo regressará ao meu silêncio e quão terrível é a mudez de Sigismundo! Eu a engendro dentro de mim e eis que, perdido nessa plenitude de treva, me assalta o sofrimento. Desgraçado de mim! Onde buscar a coragem de abrir os olhos?

Entra CLÁUDIA. Ao ver SIGISMUNDO, tira um punhal do seio e dá-lhe uma punhalada nas costas. SIGISMUNDO domina-a e toma-lhe o punhal, ficando abraçado a ela.

CLÁUDIA — *(Tentando soltar-se.)* Maldito! Não o matei!

SIGISMUNDO — Quem és tu? Por que tentaste me matar?

CLÁUDIA — Meu Deus, não é Rodolfo! Quem és tu? Que fazes aqui? Responde!

SIGISMUNDO — Na gruta em que vivi até agora, se é que não estou envolto nas brumas de um sonho novo, eu trabalhava em madeira, esculpindo nela as

visões que me assaltavam. Sim, eu conheço bem a madeira. Teu corpo cheira a cedro recém-cortado.

CLÁUDIA — Solta-me. Eu te feri?

SIGISMUNDO — Feriste-me, sim. Não te vás embora. Fica comigo. Se me deixares só, sei que acordarei preso novamente. É verdade o que vejo? É claro que não. Logo acabará o sonho e acordarei entre as pedras, encerrado para sempre na minha solidão.

CLÁUDIA — Quem és tu? Por que estiveste preso?

SIGISMUNDO — Não sei. Meu nome é Sigismundo. E tu, como te chamas?

CLÁUDIA — Chamo-me Cláudia.

SIGISMUNDO — Cláudia. É um nome belo e novo, tão belo quanto o som de tua VOZ.

CLÁUDIA — Que tem a minha voz?

SIGISMUNDO — Não sei. É diferente do que eu imaginava. Nunca ouvira uma voz assim, ao mesmo tempo pura e grave, de uma gravidade cheia de doçura. Ao ouvi-la sinto como que uma exaltação. Que tenho eu? Sinto que as minhas mãos tremem. Fala, Cláudia. Talvez isso me faça adormecer, sonhar mais profundamente do que agora. Despertarei mais solitário ainda, mas pelo menos uma vez ter-me-ei sentido como um homem.

CLÁUDIA — Acalma-te, não estás preso. Deixa-me ligar-te o braço com meu lenço. Que fazes no palácio? Quem te trouxe para cá?

SIGISMUNDO — Não sei. Vivi encerrado toda a minha vida. Hoje ou ontem, não sei, senti de repente um sono pesado e sem saber como resvalei para aqui, onde acordei com essas roupas que nunca tinha visto.

CLÁUDIA — A roupa é de Rodolfo.

SIGISMUNDO — Por isso quiseste me matar? Quem é Rodolfo?

CLÁUDIA — É meu primo, filho de um irmão de meu pai.

SIGISMUNDO — Mora aqui contigo?

CLÁUDIA — Mora, sim.

SIGISMUNDO — E queres matá-lo?

CLÁUDIA — Quis. Agora, porém, creio que não terei mais coragem. Eu o odeio. Não digas a ninguém que te feri.

SIGISMUNDO — Não o direi.

CLÁUDIA — Prometes?

SIGISMUNDO — Prometo.

CLÁUDIA — Esse ódio que lhe tenho é um segredo nosso. Não te esquecerás disso nunca?

SIGISMUNDO — Mesmo que eu tentasse e quisesse esquecer o que me dizes, não conseguiria. Tuas palavras me magoam muito.

CLÁUDIA — Por quê? Disse eu por acaso alguma coisa que te fizesse mal?

SIGISMUNDO — Não. É que não estou habituado a sofrer a presença de outra pessoa e muito menos de uma mulher como tu.

CLÁUDIA — Por que disseste sofrer a presença?

SIGISMUNDO — Não sei.

CLÁUDIA — Cala-te. Quem és tu para saber que sentido têm as tuas palavras? Sofrer uma presença. Não podes entender o que seja isto.

SIGISMUNDO — Enganas-te, eu posso. É a única coisa que a minha solidão me ensinou, o único fato que eu trouxe comigo do mundo de onde vim. É por isso que tuas palavras estão como que me queimando. Elas partem de uma fogueira semelhante à minha.

CLÁUDIA — Não fales mais. Tens o dom de exacerbar o meu desvario. E não posso mais!

SIGISMUNDO — Quem te faz sofrer, Cláudia? Vives presa também? Tudo isto é somente uma nova prisão?

CLÁUDIA — Não. Não sei. Como posso saber? Talvez seja.

SIGISMUNDO — Não fales desse modo. Senão estou perdido e tu também.

CLÁUDIA — Que tens?

SIGISMUNDO — Que tenho? É que falaste como eu, não viste? Com palavras nebulosas e sem nexos, palavras que giram solitárias em torno da própria treva, e se assim falaste é porque és uma criação de meu silêncio e não

uma pessoa. Agora sei que ainda estou na prisão. Cláudia, não me deixes acordar! (*Abraça-a.*)

CLÁUDIA — Não te chegues a mim!

SIGISMUNDO — Por quê?

CLÁUDIA — Não sei. Não posso suportar a proximidade de teu corpo. Por que falas tanto da prisão de onde vieste? Estiveste nela quanto tempo?

SIGISMUNDO — Não sei. Creio que nasci lá na minha prisão, se nasci como todos os outros. E tu, nasceste livre? Todos nascem livres? Dize-me, Cláudia, todos nascem livres, menos eu? Não conheço meus pais, nem sei se os tenho. Sei apenas que em mim se agita um enorme passado de sombras sem idade, desde que a treva e a pedra me engendraram na prisão, há muitos séculos.

CLÁUDIA — Talvez eu possa alcançar misericórdia para ti. Em que pensas? Não ouviste o que te disse?

SIGISMUNDO — Perdoa-me, é que só falei até hoje com uma pessoa e não sei o que é isto que me queres dar. Não entendo bem o que me dizes, nem consigo dizer o que quero.

Entra BERNARDO.

BERNARDO — Ah, chegastes, meu senhor. Como vos sentis?

SIGISMUNDO — Esta voz... Quem és tu? (*Agarra-o.*)

CLÁUDIA — Que tens? Solta-o!

SIGISMUNDO — Quem és tu? Responde!

BERNARDO — Sou Bernardo.

SIGISMUNDO — (*Esbofeteando-o.*) Ah, desgraçado! Tu me pagarás!

CLÁUDIA — Meu Deus! Queres matá-lo?

SIGISMUNDO — (*Tentando estrangulá-lo.*) Que morra! É a vingança com que eu sonhava!

CLÁUDIA — (*Interpondo-se.*) Solta-o! Atende ao que te peço! Não o mates!

SIGISMUNDO — Vai, então!

CLÁUDIA — Por que fizeste isso? Um homem velho como Bernardo!

BERNARDO — (*Ainda sufocado.*) Deixai-o. Esteve doente, muito doente, e é natural que não tenha...

SIGISMUNDO — Sai daqui! Não posso ficar em paz sentindo perto de mim tua velha carne apodrecida. Não ouviste? Vai, antes que eu te mate!

BERNARDO — Meu senhor, contende o vosso ódio.

SIGISMUNDO — Agora chamas-me senhor. Por quê? Não quero ser senhor nem teu nem de ninguém. Que ninguém o queira ser de mim também.

BERNARDO — Se permitirdes, eu explicarei tudo.

SIGISMUNDO — Que faço aqui neste lugar? Por que vivi preso tanto tempo? É verdade que estou livre?

BERNARDO — Estivestes doente toda a vida. Desde que nascestes.

SIGISMUNDO — E a prisão?

BERNARDO — Não havia prisão nenhuma, meu senhor. Era o quarto em que vivestes, delirando por causa da doença. Ela vos causava um torpor em que ficáveis entre a vida e a morte, entre o sono e a vigília. O mais eram sonhos de que não vos podíeis libertar. Eu sei da existência dessa prisão, porque no vosso delírio era uma verdadeira obsessão. Muitas vezes vos ouvi falar dela.

CLÁUDIA — E que faz ele aqui?

BERNARDO — É o herdeiro do trono, o príncipe Sigismundo, filho único do rei.

CLÁUDIA — Do rei?

BERNARDO — *(Acenando-lhe.)* Sim. Deixai que eu explique tudo.

SIGISMUNDO — Sou príncipe, então. Eu já o pressentia.

CLÁUDIA — Por quê?

SIGISMUNDO — Não saberia te dizer. Mas de uma certa forma eu sentia que a prisão não era eterna e que algum dia eu poderia dispor de mim, de modo que meus atos haviam de influir sobre os outros.

CLÁUDIA — Teu pai é irmão do meu.

SIGISMUNDO — Rodolfo é meu irmão, então?

CLÁUDIA — Não. Somos filhos de três irmãos.

SIGISMUNDO — Gosto que seja assim.

BERNARDO — Não vos lembrais de ter bebido há pouco?

SIGISMUNDO — Lembro-me de ter bebido, mas não sei quando foi. O vinho estava amargo.

BERNARDO — O médico pusera nele o remédio que vos curou da sonolência. Agora estais perfeitamente bem.

SIGISMUNDO — Mentas, cão danado!

BERNARDO — Não. Por que vos mentiria?

SIGISMUNDO — Como se explica que Cláudia não me conhecesse, se eu estava aqui doente?

BERNARDO — A rainha vos manteve oculto, desgostosa por causa de vossa doença.

SIGISMUNDO — Eis outro pressentimento meu. Se eu tivesse mãe, ela estaria fundamentalmente ligada à minha condição. Se eu descobrir que estás me enganando...

BERNARDO — Podeis acreditar no que vos digo.

SIGISMUNDO — É essencial para mim, esse fato, entendes? Quero ver minha mãe.

BERNARDO — Senhor...

SIGISMUNDO — Não, tu não. Leva-me lá, Cláudia. Quero vê-la contigo.

CLÁUDIA — Chegaste ao mundo num momento desgraçado, Sigismundo. Tua mãe acaba de morrer. O corpo está ali.

SIGISMUNDO — É verdade?

BERNARDO — É, meu senhor. Mandeí colocá-la no ataúde, onde aguardará os funerais.

SIGISMUNDO — Tinha que ser assim. E eu que tanto desejo tinha de lhe perguntar tanta coisa... Haverá alguém no mundo mais desventurado do que eu? Cheguei tarde, por poucos momentos. Mas creio que havia de ser assim, meu nascimento e a morte, ali encerrados, abraçados um ao outro para sempre. Será a primeira vez que posso encarar a morte, se bem que já imaginasse como seria sua presença. Eu a sentia aqui desde que cheguei, uma presença terrível e poderosa, que me dava a opressão do perigo próximo. Quero vê-la. Vem comigo.

CLÁUDIA — Não. Não tenho coragem. Parece-me ver a minha própria morte.

SIGISMUNDO — Espera-me aqui, então. Não te vás. Prometes?

CLÁUDIA — Prometo.

SIGISMUNDO — Eu voltarei, se não sucumbir ao abismo de sombra que ali se encontra. *(Sai.)*

CLÁUDIA — Que significa tudo isto? Calei-me quando me acenaste. É verdade o que disseste?

BERNARDO — É o verdadeiro filho do rei. Esteve realmente preso, mas não sabe. Dir-lhe-emos tudo aos poucos, para que ele se possa adaptar. Os rebeldes...

CLÁUDIA — Por favor! Fala-me de outro assunto qualquer. Deixa o estado. Em outro qualquer dia, sim, mas hoje não posso. Não posso!

BERNARDO — Perdoai-me.

CLÁUDIA — Perdoa-me tu. É que não posso me habituar à ideia da morte da rainha. Quem deve velar o corpo agora?

BERNARDO — Vossa irmã. Já devia estar aqui.

CLÁUDIA — Aí vem ela.

Entram ESTELA e o ESPIÃO.

BERNARDO — *(Ao ESPIÃO.)* Que fazes aqui?

ESTELA — Veio me rogar que o pusesse em contato com Sigismundo ou com Marcílio.

BERNARDO — Que queres com eles? Fala. Por que estás amedrontado? Dize tudo, senão serás preso.

ESTELA — Não, deixa-o.

ESPIÃO — *(Ajoelhando-se.)* Obrigado, senhora. Deus é quem lhe paga.

ESTELA — Levanta-te. Bernardo, o rei te procura.

Sai BERNARDO.

ESTELA — Onde está Sigismundo?

CLÁUDIA — No quarto, com a rainha.

ESTELA — O rei me contou tudo. Por isso demorei a vir.

ESPIÃO — Senhora...

ESTELA — Espera. Por que estás tão agitado?

ESPIÃO — Perdoai-me, mas não tenho coragem de vos contar.

CLÁUDIA — Por que o trouxeste?

ESTELA — Ele me pediu em nome de Deus. Talvez Sigismundo queira ouvi-lo.

CLÁUDIA — Não o creio capaz de pensar nisso agora.

ESTELA — Por quê?

CLÁUDIA — Então achas pouco? Viver preso toda a vida para chegar ao mundo e encontrar a morte.

ESTELA — Não fiques assim, minha irmã. Por que temes tanto a morte?

CLÁUDIA — Não sei. Creio que é porque então, quando o fim estiver próximo, saberei que não há mais nada a esperar. Não há mais futuro. Tu não pareces esperar nada dele. Por isso não temes a morte.

ESTELA — É verdade. Sei que a vida nada tem para dar, a mim pelo menos.

CLÁUDIA — Por que a ti menos do que aos outros?

ESTELA — Porque eu tenho uma alma simples e fraca. Os gestos, o corpo, as palavras de cada um de nós moldam um conjunto muito parecido com seu dono, a tal ponto, que não se pode distinguir o homem dessa teia de mistério. A minha tem o rosto submisso, um rosto antigo, marcado pela dolorosa feminilidade de nossas entranhas. É por isso que talvez eu nunca venha a ser amada por ninguém. E é por causa disso que eu nada espero também.

CLÁUDIA — Estás triste também, Estela. Não gosto de te ver assim.

ESTELA — É essa noite terrível. Mas será tristeza mesmo? Creio antes que é aceitação, uma atitude que não é somente minha, mas de outras como eu, mortas há muito tempo, irmãs de sangue submissas e apagadas que regressam hoje a mim, trazidas pelas asas da morte.

CLÁUDIA — E eu, Estela? Pareces ver tudo claro hoje. Vê se me podes fazer acreditar no que me disseres. Ajuda-me. Quem sou eu, minha irmã?

ESTELA — Tu és um ser de eleição, Cláudia. Em ti é uma vida ardente e exaltada que está impressa. Em tudo: nos teus atos, na tua voz e até no teu corpo.

CLÁUDIA — Cala-te!

ESTELA — Que tens?

CLÁUDIA — Nada. Mas é muito doloroso ouvir isto de ti, hoje. Por que falaste no meu corpo?

ESTELA — Porque ele faz parte de ti de uma maneira tão íntima que talvez nem suspeites. Ele é belo e doloroso, de uma beleza ardente e grave. Ele e tua alma estão unidos fortemente e as chagas que lhe fizeres estarão impressas na alma também.

CLÁUDIA — *(Recuando.)* As chagas?

ESTELA — Cláudia!

CLÁUDIA — Não fales mais! Por que continuas? Queres matar-me?

ESTELA — Não! Que fiz eu? Dize-me, minha irmã!

CLÁUDIA — Não foi nada.

ESTELA — Pareces sofrer tanto! Que angústia terrível é essa que te persegue? Talvez ela diminuísse se me dissesses o que tens. Posso te ajudar?

CLÁUDIA — Não. Cala-te!

O ESPIÃO *caminha para as duas.*

ESTELA — *(Ao ESPIÃO.)* Espera um pouco, já te disse.

ESPIÃO — Perdoai-me se interrompo, mas não posso mais. Onde está o príncipe Sigismundo? Tenho que lhe falar imediatamente.

CLÁUDIA — Por quê?

ESPIÃO — Estou ameaçado de morte. Meu Deus, eles vêm aí! Ouço passos!
Quem está no quarto? *(Sai correndo.)*

ESTELA — Espera!

VOZ DO ESPIÃO — Socorro, senhora! Ai!

ESTELA — Meu Deus!

CLÁUDIA — *(Da porta.)* Vai chamar socorro! Mataram-no!

ESTELA — Quem o matou?

CLÁUDIA — Não sei, não vi mais ninguém. Deram-lhe uma punhalada na garganta.

ESTELA — Pobre homem!

CLÁUDIA — Fica aqui. Vou procurar o assassino. Talvez esteja perto, ainda.

ESTELA — Não saias. Ele te matará também.

CLÁUDIA — Tanto faz aqui como lá fora. Vou chamar o rei. *(Sai.)*

SIGISMUNDO — *(Do limiar do quarto.)* Que aconteceu? Creio ter ouvido gritos e rumores. Quem és tu?

ESTELA — Sou Estela.

SIGISMUNDO — Onde está Cláudia?

ESTELA — Que tens? Cláudia saiu.

SIGISMUNDO — Fugiu! Ela me prometera... Perdi-a para sempre. Então o mundo é assim? Uma falha na vigilância, e as pessoas se perdem para sempre. Eu sabia. Há um perigo velando a todo momento. Há pouco estava eu aqui e, ali do quarto, a morte de minha mãe me espreitava com seus olhos oblíquos e apagados. E quando fui para lá, era a fuga dessa outra. Ela me pagará!

ESTELA — Acalma-te. Ela voltará.

SIGISMUNDO — E tu, que tens a me esconder? Estás agitada, tanto quanto eu. Não tentes me enganar. Dize logo o que tens de dizer!

ESTELA — É que acabam de matar um homem que te procurava. Cláudia foi buscar socorro.

SIGISMUNDO — É então um mundo de morte esse a que aportei?! Onde está ele?

ESTELA — Ali ao lado. Não o olhes! Que tens?

SIGISMUNDO — *(Com as mãos na garganta.)* Apunhalaram-me a garganta!

ESTELA — A ti? Que loucura é essa?

SIGISMUNDO — Ele morreu logo?

ESTELA — Morreu, sim. Por que disseste que a tua garganta?...

SIGISMUNDO — Que mundo terrível é esse a que cheguei, em que só vejo máscaras e morte?

ESTELA — Deixa. Não o olhes mais!

SIGISMUNDO — Não o olhes mais! Por quê? Não vês que, se sucedeu isto com ele, pode voltar a suceder com qualquer outro? Não compreendes que basta ter acontecido uma vez para tudo se tornar possível a qualquer momento? Por que não respondes ao que eu digo?

ESTELA — É que Cláudia não volta.

SIGISMUNDO — Acalma-te. Tua morte não é tão brutal como pensas.

ESTELA — Não penso na minha morte...

SIGISMUNDO — No entanto, cada um carrega a sua consigo e ela contribui para o obscuro conjunto da vida com seu sangue espesso e sem esperança.

ESTELA — Não posso mais. Vou procurar Cláudia.

SIGISMUNDO — Por que tens medo?

ESTELA — Talvez o assassino também a tenha matado. Não tenho coragem de ir só.

SIGISMUNDO — Irei contigo. Se ele a matou...

Entra MARCÍLIO.

SIGISMUNDO — Que vens fazer aqui? Quem és tu? Outro desses seres ávidos de sangue que se ocultam nas trevas para matar? Fala! Quem és tu?

ESTELA — Deixa-o. É hóspede do rei.

SIGISMUNDO — Fica com ele então. Eu vou procurar Cláudia. *(Sai.)*

MARCÍLIO — Quem é? O príncipe?

ESTELA — Sim, é Sigismundo.

MARCÍLIO — Parece muito agitado.

ESTELA — É que mataram um homem aqui, quase diante de nós. O corpo está ainda aí.

MARCÍLIO — Quem o matou?

ESTELA — Não vimos ninguém.

MARCÍLIO — Creio que poderei ajudar a descobri-lo. Onde está o corpo da rainha?

ESTELA — Está ali, no quarto. Por quê?

MARCÍLIO — Talvez ele nos revele quem matou esse pobre homem. Esperai-me um pouco. *(Entra no quarto da rainha. Rumor lateral.)*

ESTELA — *(Recuando.)* Quem está aí?

Entra CARLOS.

ESTELA — Vós, meu tio. Fiquei aterrorizada.

CARLOS — Tu também não pudeste dormir? Eu tentei, mas não consegui.

Entra MARCÍLIO.

MARCÍLIO — É preciso chamar o rei. Houve dois crimes aqui esta noite.

CARLOS — Que queres dizer? Dois crimes?

MARCÍLIO — Sim, dois crimes, senhor. Creio que vejo a verdade quase toda. Mas só posso revelá-la ao rei. Minha posição é muito delicada, na qualidade de chefe da revolta.

ESTELA — O rei virá dentro de pouco tempo. Cláudia foi chamá-lo. E este homem morto...

CARLOS — Afinal, a quem vos referis? Que houve aqui?

MARCÍLIO — Fatos de enorme gravidade.

CARLOS — Talvez uma nova conspiração que descobriste...

MARCÍLIO — Talvez, senhor.

ESTELA — Aí vem o rei.

Entram PATRÍCIO, SIGISMUNDO, CLÁUDIA e BERNARDO.

PATRÍCIO — Tu, Marcílio?

MARCÍLIO — Eu, senhor. Cheguei há pouco tempo e ia vos procurar, quando esse crime...

PATRÍCIO — É horrível. Na mesma noite em que morre minha esposa e tu, meu filho, chegas ao mundo! Enfim, sucede! Que resposta me trazes?

MARCÍLIO — Aceitamos a trégua, senhor, contanto que os estrangeiros sejam expulsos logo. Diante do que se passou, porém, creio que a expulsão não mais se fará necessária. Já retiraram o corpo?

BERNARDO — Já. Tratei disso.

PATRÍCIO — Quero evitar rumores em torno desse crime. Ninguém conhece o morto?

BERNARDO — Vi-o aqui, pouco antes de sua morte. É um dos servidores do paço.

PATRÍCIO — Por que o teriam matado?

MARCÍLIO — Por causa da morte da rainha.

CLÁUDIA — Que relação podem ter as duas mortes?

MARCÍLIO — Talvez eu possa esclarecer tudo, se bem que reconheça as dificuldades em que me envolverei.

PATRÍCIO — Estás sob a minha proteção, na qualidade de parlamentar. Fala sem cuidado.

MARCÍLIO — É verdade que foi recomendado que não se deixasse a rainha só?

PATRÍCIO — É sim. Poderia sobrevir um ataque e ela morreria. Por isso, velamos durante toda a noite.

MARCÍLIO — Notastes o rosto da rainha?

PATRÍCIO — Que tem ele?

MARCÍLIO — Está contraído e azulado. Ela morreu sufocada, senhor.

PATRÍCIO — Era de esperar, na sua doença.

MARCÍLIO — A doença não estava regredindo, já? Ela teve uma crise repentina e só morreu porque a deixaram abandonada.

CLÁUDIA — Tu não podes saber!

PATRÍCIO — Espera. Quem estava com a rainha?

ESTELA — Rodolfo. Eu dormia aqui quando ele me avisou, da porta do quarto.

PATRÍCIO — Vai chamá-lo.

Sai ESTELA.

CARLOS — Esta acusação é ridícula. Ele veio chamar Estela aqui. Como pode ter deixado a rainha abandonada, se veio do quarto?

SIGISMUNDO — O quarto tem outra saída. Rodolfo pode ter abandonado minha mãe à morte saindo por lá.

Entram ESTELA e RODOLFO.

RODOLFO — Estela me contou as acusações que estão me fazendo aqui. Eu dormia e acordei com o chamado dela. Como podeis dar ouvidos a este traidor?

MARCÍLIO — Negais então que abandonastes a rainha e que quando chamastes Estela ela já estava morta?

RODOLFO — Nego-o, sim. A rainha morreu enquanto Estela foi chamar o rei.

MARCÍLIO — É claro que havíeis de negar. Mas não é tão fácil esconder a verdade, como pensais. Houve quem vos visse.

RODOLFO — Quem? Tu, por acaso?

MARCÍLIO — O homem que mataram.

PATRÍCIO — O morto? Que fazia ele aqui?

MARCÍLIO — Vinha fazer um pedido ao príncipe Rodolfo, e veio procurá-lo, sabendo que ele aqui se encontrava.

RODOLFO — A estas horas? Como pode esse homem ter entrado aqui?

MARCÍLIO — Ele era um dos servos do paço, e foi dos que tiveram ordem de ficar acordados para qualquer emergência.

PATRÍCIO — É verdade?

BERNARDO — É, senhor.

MARCÍLIO — Chegando aqui, viu a rainha morrendo absolutamente só, e ia em seu socorro, mas o príncipe voltava e ele se escondeu. E vós não tentastes salvar a rainha.

RODOLFO — Por que faria eu uma coisa dessas?

MARCÍLIO — A morte da rainha vos seria muito proveitosa, no caso de o rei ser forçado por nós a renunciar. A rainha morreu, senhor, e o príncipe ainda voltou ao lugar de onde viera. Só depois chamou a todos, como se ela estivesse agonizando. O homem aproveitou a confusão e fugiu.

RODOLFO — Mentiroso! Por que sairia eu num momento tão grave? Se a morte da rainha me era tão proveitosa, como disseste, mais fácil me seria estrangulá-la eu mesmo, enquanto estava só. Vai, fala. Por que sairia eu?

MARCÍLIO — Sabeis melhor do que eu. Saístes para possuir uma mulher a quem violastes, enquanto a dois passos a rainha agonizava.

CARLOS — (*Detendo RODOLFO.*) Espera. Deixa-o falar.

PATRÍCIO — Quem era essa mulher?

MARCÍLIO — O homem não pôde vê-la. Estava escondido atrás de uma cortina. Mas ouviu o bastante para compreender tudo.

PATRÍCIO — Então, Rodolfo? É verdade?

RODOLFO — É mentira, senhor. Que mulher misteriosa é essa? Aliás, toda a história é misteriosa!

PATRÍCIO — É preciso que proves tua inocência.

MARCÍLIO — Mais difícil será provar sua culpa, senhor. A testemunha do fato foi assassinada.

RODOLFO — Vais me acusar também de sua morte? Eu dormia quando o mataram.

MARCÍLIO — Podíeis estar fingindo o sono.

RODOLFO — Estela me acordou e sabe se estou dizendo a verdade ou não. Dize-me tu agora: como soubeste de tudo isso?

MARCÍLIO — Quando saí daqui ele me procurou e contou-me tudo, pedindo-me sua proteção.

PATRÍCIO — Por que a ti e não a mim?

MARCÍLIO — Ele me conhecia desde pequeno. Antes de servir aqui, foi servo de meu pai.

RODOLFO — Ah, então era um servo de teu pai. Isso explica muitas coisas.

MARCÍLIO — Que coisas?

RODOLFO — O fato de já saberes que a rainha estava morta, quando chegastes aqui, por exemplo.

MARCÍLIO — Só vim a saber de tudo no momento em que cheguei.

RODOLFO — Creio que já sabias antes de vires para cá. Ele era teu espião. Já sabíamos de tudo, eu e Bernardo. Apenas não queríamos que soubesses disso. Era um fato de que nos podíamos aproveitar. Pensas acaso que não

sabíamos que a morte da rainha era o sinal para o ataque? Então? Negas que ele era teu espião?

MARCÍLIO — Não. É verdade.

RODOLFO — Isso explica a morte dele. É a sorte dos espiões, que sabem fatos perigosos, principalmente quando tudo corre de acordo com nossos planos e uma denúncia pode deitar tudo a perder. Dize-me. Como vieste para cá?

MARCÍLIO — O rei me deu um salvo-conduto.

RODOLFO — Alguém te viu entrar?

MARCÍLIO — As sentinelas.

RODOLFO — Sim, à entrada. Mas depois, já dentro do paço?

MARCÍLIO — Vim logo para cá, em busca do príncipe Sigismundo.

RODOLFO — Vedes, meu tio? Ninguém lhe viu os passos, e ele encontra morto o seu espião. Acuso-te a ti de sua morte, Marcílio. É a minha palavra pela tua, e hás de ver que a tua posição é bem pior do que a minha, na tua qualidade de rebelde e traidor. Então, senhor? Mandai-nos prender logo, até que tudo se esclareça.

PATRÍCIO — Os fatos são muito graves, para todos nós. Que ninguém saia do paço, sob pena de morte. É preciso interrogar a todos, e descobrir essa mulher, se é que ela existe. Rodolfo, vai para a sala de audiência. Quero falar contigo a sós.

RODOLFO — Estarei lá, ao vosso dispor. *(Sai.)*

PATRÍCIO — Queres vir comigo, Sigismundo?

SIGISMUNDO — Não. Ficarei aqui, velando o corpo.

PATRÍCIO — Por quê?

SIGISMUNDO — Não sei, mas quero ficar. Não tenho coragem de sair e...

Deixai-me! Não estou habituado a ouvir nem a falar tanto. Principalmente histórias terríveis como esta, que eu só via em sonhos. Então, o mundo é assim? Parece-me estar vivendo um outro sonho, agora. Mas este é pior do que os da prisão.

PATRÍCIO — Acalma-te, meu filho. Fica aqui, já que o desejas. Bernardo, manda vigiar as portas. Que não saia ninguém daqui. *(Sai com CARLOS e BERNARDO.)*

MARCÍLIO — Cláudia...

CLÁUDIA — Sai. Não quero te ouvir mais.

MARCÍLIO — O que contei é verdade.

CLÁUDIA — Verdade! O que praticaste foi uma ação vil, com todas essas delações. Bela maneira de realizar o teu sonho de reformar tudo! Rodolfo dormia mesmo quando o chamaste, Estela?

ESTELA — Sim, estava dormindo.

CLÁUDIA — Vês? É impossível que ele o matasse e fosse dormir após o crime. Quem é capaz de tanta frieza? Além disso, ele não sabia que teu espião o tinha acusado. Disseste isso a alguém?

MARCÍLIO — Não.

CLÁUDIA — Então? Como o acusaste de sua morte com tanto ódio? Enfim, não me importa, nem a tua sorte nem a dele. Que se percam todos. Adeus.

SIGISMUNDO — Não saias. Quero que fiques aqui, comigo.

CLÁUDIA — Não. É preciso que eu fale com o rei.

MARCÍLIO — Leva-me contigo, peço-te.

CLÁUDIA — Que queres ainda comigo? *(Sai.)*

MARCÍLIO — Tu me ouvirás, quer queiras quer não. *(Sai no encalço de CLÁUDIA.)*

SIGISMUNDO — E tu? Por que não te vais também?

ESTELA — Quero ficar contigo. Talvez eu pudesse te dizer o que desejas ouvir.

SIGISMUNDO — O que desejo ouvir! Não achas bastante o que já se ouviu? Ou tens mais crimes a revelar? Dize-os logo.

ESTELA — Há fatos mais suaves...

SIGISMUNDO — Um mundo de suspeitas, crimes e delações, cheio de intrigas venenosas. Que vim eu fazer nele? É verdade tudo isto? É verdadeiro este mundo? Tu não podes saber. Cala-te então. Eu também me calarei, até ter certeza de alguma coisa. Por enquanto, quero ao menos um pouco de descanso. Estive doente toda a minha vida, numa bruma espessa e contínua em que estive aprisionado e de que só agora despertei. Toda a minha vida foi sonhada. Sonho era a prisão e sonho o meu trabalho.

Esculpia a madeira e meditava os ensinamentos que o cárcere e o carcereiro me ministravam. Nada disso era verdade e no entanto eu sofria. Por que não sei dizer tudo? Queres saber de uma coisa? O único fato de que tenho certeza é de que eu sofria.

ESTELA — De toda a tua vida anterior é a única certeza que te resta?

SIGISMUNDO — De ambas. Achas então que aqui tudo é mais claro? Lá, às vezes, assaltava-me o temor de nada ser verdade. Eu não era ninguém. Não me sentia a mim próprio, senão como a invenção arbitrária de um sonho alheio. É terrível isso, não é? Que sabes tu disso tudo? E achas ainda que houve qualquer mudança! Apenas uma falha, uma região escura e deserta que me conduziu da vigília para o sono. Ou do sono para a vigília, ao que me garantem. Podes garantir tal coisa? Para sempre?

ESTELA — Posso. Por que me falas desse modo?

SIGISMUNDO — Porque pareces estar do outro lado, e eu... Não sei onde está a verdade! Olha através de tua cegueira! Vê pelo menos a cegueira! Não vês que ambos os mundos são irreais e sem nexos? Um homem apunhala outro na treva, uma mulher morre, um povo se rebela, eu sou convocado de um mundo de sombras enfermas para tomar parte neste trágico enredo, e tudo isto não tem nenhum sentido. Talvez meu sofrimento pudesse provar a verdade do mundo anterior, mas este veio comigo. Está encravado nas minhas entranhas e, verdadeiro ou não, este mundo a que me vejo arremessado traspassa meu ser de uma desventura tal que não posso... Não posso mais!

ESTELA — *(Abraçando-o.)* Não fales mais. Não posso mais te ouvir!

SIGISMUNDO — *(Repelindo-a.)* Deixa-me. Por que não te vais agora? Não quero ninguém perto de mim, nem mesmo tu.

ESTELA — Por quê? Não te envergonhes do teu sofrimento. Faze por acreditar que és um menino ainda e...

SIGISMUNDO — Um menino! E que infância conheci eu? No meu sonho, chorava às vezes de tanta solidão. Não tinha a quem mostrar o que fazia nem a quem contar os fatos que ora me deixavam orgulhoso, ora crispado de vergonha. Gritava então, e como ninguém me respondia, esmurrava a parede, ora gemendo, ora latindo o meu desespero. Era uma angústia de tal modo insuportável que, apesar do meu ódio por Bernardo, eu o receberia bem. Mas nunca lhe vi a face, nem a de nenhum outro ser humano. Podes tu conceber a dor de um pobre menino aprisionado, sem ter ninguém com quem falar?

ESTELA — Posso sim. Mais do que pensas.

SIGISMUNDO — E se isso também fosse delírio? Então nem a minha angústia tem consistência. Eu não tenho nada.

ESTELA — É melhor assim. Podes começar tudo agora. É um grande privilégio.

SIGISMUNDO — Sim, é um grande privilégio. E, no entanto, teus olhos estão cheios de lágrimas. Por que choras?

ESTELA — Não sei. Não pude suportar a evocação de tua infância aprisionada.

SIGISMUNDO — Espera. Ouviste alguma coisa?

ESTELA — Não. Que foi?

SIGISMUNDO — Ouço um sussurro de vez em quando. Não ouviste nada?

ESTELA — Não.

SIGISMUNDO — Aqui há uma presença cheia de sortilégios, diferente de tudo o que eu sentia na minha prisão, no meu quarto de enfermo. Ao despertar, acreditei mesmo ter ouvido vozes, palavras ainda umedecidas de sono, sussurrando seu sentido imutável. Sinto-me como que observado. Não sentes nada disso?

ESTELA — Não. Talvez seja por causa da morte de tua mãe.

SIGISMUNDO — Sim, a morte dela e o meu nascimento. Sabes o que aquelas vozes pareciam injetar no meu sangue? Eram palavras cintilantes e terríveis, que gemiam na sombra a sua impotência feroz. Diziam que o nascimento é tão terrível quanto a morte. Ele já traz em si, germinando na sua raiz, a temerosa semente da morte. Já viste minha mãe?

ESTELA — Já sim.

SIGISMUNDO — Ao chegar lá, apalpei o seu ventre. Estava quente, ainda. Parecia o de uma pessoa viva. De lá surgiu eu, para me encontrar de repente neste mundo. Ali se juntaram o ventre que me pariu e a morte, no momento em que chego ao mundo. Isto deve ter um sentido, que é preciso descobrir. Vai dormir, agora.

ESTELA — Deixa-me...

SIGISMUNDO — Não quero, entendeste? Vai.

Sai ESTELA.

SIGISMUNDO — É preciso que eu converse com o ventre que me pariu, um diálogo ardente e emudecido em que cada um empunha o sentido da

própria solidão. (*Entra no quarto da rainha.*)

CORO

A resposta da relva e seu silêncio.
O vagido do sangue e o som da pedra.
Punhos sangrentos, rostos impassíveis,
E o sono que regressa a sua origem.
Aconteceram fatos sem sentido:
A treva esconde a morte e a pulsação.
Tudo isto é tão antigo em tua areia!
Não tentes escapar. A chuva tarda,
O áspero aqueduto é muito longo,
E não tens parte sã na tua carne.
Assim, por que te negas ao monturo,
À telha, à sânie e ao pó do teu deserto?
Seja o deserto as águas de onde vens,
As águas por quem brada a tua sede,
Pois a pedra, o jumento e a erva nua
São mais irmãos ao grito desta sede
Do que o pobre rebanho cego e insone
Que arrasta no deserto os ossos tristes,
E mais indispensáveis ao gemido
De tua porta solitária e inútil
Do que a fonte em que sonhas tua espera,
Do que teu rumo e as águas incansáveis.

Entra CARLOS, ligeiramente embriagado.

CARLOS — A morte. Uma sombra embriagada e a carne que começa a apodrecer. Ali é um punhal que fere uma garganta e logo a decomposição se apossa aos poucos da carne.

Entra SIGISMUNDO.

CARLOS — Como acreditar na ressurreição de uma carne que se revolveu na luxúria durante a vida inteira?

SIGISMUNDO — Que procurais aqui?

CARLOS — Nada. Devo velar agora a carne que começa a se decompor. Assim caminhará ela, até que soem as trombetas para a ressurreição que não espero e em que não posso acreditar.

SIGISMUNDO — Vosso hálito cheira a vinho. Por que bebestes? É preciso beber?

CARLOS — Como poderia eu suportar sem beber?

SIGISMUNDO — Suportar o quê?

CARLOS — Tudo isto. A morte que se aproxima, as mortes que aconteceram, surgidas da sombra, e a ti mesmo...

Entra MARCÍLIO. Ao ver CARLOS, detém-se à porta.

CARLOS — Por que surgiste da sombra? Agora é preciso que eu te esclareça. Vai dormir. Eu velarei! *(Entra no quarto da rainha.)*

SIGISMUNDO — Que desejas de mim? Por que te detiveste ao ver meu tio?

MARCÍLIO — Preciso falar convosco a sós.

SIGISMUNDO — Vai-te daqui.

MARCÍLIO — Estais perturbado e triste. É justo. Voltarei depois.

SIGISMUNDO — Espera. Onde está Cláudia?

MARCÍLIO — Com o rei, ouvindo atentamente o interrogatório a que ele submete todas as mulheres do paço.

SIGISMUNDO — Que querias com ela? Não gostei da maneira com que lhe falaste. Pensas que podes me enganar tão facilmente? Estive preso muito tempo, mas pressinto muitas coisas. Podes enxergar no escuro? Claro que não. Eu posso. Que queres esconder de mim?

MARCÍLIO — Eu nada tenho a esconder. Quero apenas esclarecer o crime.

SIGISMUNDO — Que tem Cláudia a ver com ele? Deixa-a em paz. Ela não sabe de nada.

MARCÍLIO — Creio, pelo contrário, que ela sabe de tudo.

SIGISMUNDO — Ela me teria dito tudo se soubesse de alguma coisa.

MARCÍLIO — Estais enganado. Ela nada dirá.

SIGISMUNDO — Por quê?

MARCÍLIO — Porque ama Rodolfo.

SIGISMUNDO — Tu não sabes o que estás dizendo! Dizes isso porque a odeias e sabes que eu... eu a mataria, se fosse verdade. Por isso mentes assim. Pensas que podes conhecer uma mulher como Cláudia?

MARCÍLIO — Que tendes, senhor?

SIGISMUNDO — *(Com as mãos à cabeça.)* Esta luz me cega!

MARCÍLIO — Sentai-vos!

SIGISMUNDO — Afasta-te de mim. Estes acessos luminosos eu já os conheço há tempo. Eles me ensinavam na prisão a reconhecer a presença do ódio, em mim e agora nos outros. Por que odeias Cláudia? Por que dizes que ela ama esse assassino? Ela o odeia. Quis me matar quando cheguei, pensando que eu era Rodolfo. Chegou a me apunhalar. Olha aqui no meu ombro. Vês o ferimento?

MARCÍLIO — É verdade.

SIGISMUNDO — Dize agora se ela o ama. Agora és tu quem não pode suportar a luz. Que tens?

MARCÍLIO — Estou perdido. Agora tenho certeza de que ela o ama e de que apesar de saber tudo, nada dirá.

SIGISMUNDO — Sai, cão mentiroso. Vai-te, senão eu te matarei. Por que dizes que tens certeza?

MARCÍLIO — Ela quis matar Rodolfo com ciúme da mulher a quem ele possuiu. Sabe da verdade e ciosa por causa disso tentou vos matar, pensando que éreis Rodolfo.

SIGISMUNDO — Quando ela me feriu tu nada revelaras ainda.

MARCÍLIO — Certamente ela viu alguma coisa. De outra forma, por que agiria assim? Uma mulher como Cláudia não se engana diante de um fato como esse. Eu a conheço melhor do que ninguém.

SIGISMUNDO — Tu! Tu não a podes conhecer. Não pagaste para isso como eu!
(*Investe para MARCÍLIO.*)

MARCÍLIO — Afastai-vos. Sois o meu senhor natural, mas, agredido,
defenderei minha vida.

SIGISMUNDO — Vai então vomitar teu veneno longe daqui. Por que falas assim
de Cláudia?

MARCÍLIO — Está bem, eu o direi se desejais saber. Eu a amava outrora, e ela
também me amou. Um dia me traiu.

SIGISMUNDO — Não continues. Não posso mais. Existe uma traição escondida
em cada corpo? Por que ela te traiu?

MARCÍLIO — Nunca pude saber. É a pergunta que me persegue até durante o
sono. Por ela abandonei minha casa e meus pais, com quem não me
entendia. Ela me aprovava na luta surda que eu mantinha contra meu pai
e, quando resolvi fugir, prometeu que me seguiria. Para resumir tudo, fugi
só. Cláudia faltou ao encontro, e nunca mais quis falar comigo, apesar de
eu ter tentado vê-la muitas vezes. Lutei e sofri muito, sozinho e
desprotegido numa grande cidade. Minha luta nasceu daí.

SIGISMUNDO — Não quero saber mais nada dessa trama malsinada. Vai-te
daqui. Eu hei de descobrir tudo. Aprenderei a me esconder, a trair e a
dissimular. É a única maneira de conhecer, de saber tudo até o fim e de
sobreviver. Que todos se acautelem agora.

Soam gritos de mulher.

SIGISMUNDO — Que é isso? Que lamentos terríveis são esses?

MARCÍLIO — Que tendes, senhor? É apenas uma serva a quem estão açoitando para que ela confesse a verdade.

SIGISMUNDO — Sinto os golpes como se fossem dados na minha própria carne. Parai! Assassinos! *(Sai.)*

CLÁUDIA entra correndo e CARLOS aparece à porta do quarto.

CARLOS — Quem grita desse modo? Respeitai a morte. A morte merece silêncio.

MARCÍLIO — Talvez possais fazer com que eles cessem. Confessai ao rei a conspiração que tramastes e tudo se esclarecerá. Não mais serão precisos estes castigos.

CARLOS — Conspirações! Eles não sabem de nada. A morte acaba com tudo. Que conspiração interessa a ela agora? Vou dar uma indicação, para que me deixes em paz. A conspiração está na tua revolta. Agora, deixa-me em paz, conspirador.

MARCÍLIO — Esperai. Que quereis dizer...

CARLOS — Deixa-me em paz. Ao amanhecer, saberás de tudo, mas será tarde. Enfim, para que tudo isso? *(Entra no quarto.)*

MARCÍLIO — E tu, por que choras? Muito compassiva estás agora, Cláudia. Estás triste somente porque a açoitam, ou porque sabes que se quisesses poderias libertar essa pobre mulher? Fala. Dize ao rei o que sabes.

CLÁUDIA — Deixa-me em paz. Por que aumentar o meu sofrimento? Que mal te fiz eu?

MARCÍLIO — Ainda tens coragem de me perguntar que mal me fizeste! O fato é que toda a minha vida mudou por tua causa. Reconhece ao menos isso.

CLÁUDIA — Afinal, que te fiz? Quem te ouve falar fica certo de que eu causei até a tua revolta.

MARCÍLIO — Pensas que não, por acaso? A revolta já estava contida na minha fuga de casa, e esta tu a causaste. Quem, senão tu, me ensinou a criar aquele ambiente insuportável contra meu pai? Podes imaginar o que sofri, sozinho e desprotegido depois que abandonei tudo? Até fome eu passei.

CLÁUDIA — Não podias trabalhar?

MARCÍLIO — Como? Por toda a parte os soldados do rei impediam que um homem trabalhasse sem documentos de permissão, esses instrumentos malditos que o rei, meu pai e Bernardo haviam criado. Podes conceber um mundo em que se mata um homem porque lhe falta um documento? Pois é o mundo desse novo estado. Impedido de trabalhar, mendiguei. Cheguei a uma degradação que só não foi de total desprezo de mim próprio porque eu desesperava ainda. E tu, que me havias impelido à fuga, aqui continuaste tranquilamente. Vês o que me fizeste? Mas eu reagi. Afirmei-me sozinho. É o orgulho de minha vida. Vi o caminho que devia seguir depois que saí da prisão.

CLÁUDIA — Da prisão? Que crime cometeste?

MARCÍLIO — Nunca cometi crime algum. Disto podes ficar descansada. Apenas as tais reformas que criaram este estado monstruoso obrigavam-me ao trabalho, a um trabalho que eu não podia realizar. Tentei conseguir permissão para me tornar carpinteiro, um trabalho independente, mas ao saberem que eu era nobre, proibiram-me de dar até os primeiros passos. Revoltei-me e fui preso. Solto, erreí novamente pelo país e fui preso por vadiagem e mendicância. Entendes a monstruosidade de tudo isto? Que fazes contra esse estado de coisas? Nada. Aqui ficaste e ficarás para

sempre, presa a estes pequenos fatos. Para ti não haverá nunca outra vida.

CLÁUDIA — Por que me falas assim? Queres me tirar qualquer esperança? Que ganhas em me repetir o que conheço mais do que a mim mesma? Deixa-me em paz. Terias alguma coisa a me oferecer, se eu tivesse ido contigo? Dize-o sem mentir. Achaste alguma coisa?

MARCÍLIO — Achei a minha revolta.

CLÁUDIA — Talvez para ti tenha isto algum sentido. Eu desesperaria dela. Porque não sei mentir a mim mesma, como tu.

MARCÍLIO — Como eu? Que queres dizer com isso?

CLÁUDIA — Que tua revolta é somente um movimento de ressentidos, fanatizados como tu.

MARCÍLIO — Cala-te. Não admito que uma egoísta me fale desse modo. A única coisa que possuo ainda é a fé na minha luta. Se tentas destruí-la, eu te matarei.

CLÁUDIA — Mata-me então. Achas que me importaria? Se tivesse coragem eu mesma já me teria matado. Mas não tenho e me desprezo por causa disto. Ou pensas que alguma coisa me importa ainda, depois de tudo que se passou aqui?

MARCÍLIO — Depois de tudo que se passou! Então tu sabes de tudo, como eu pensava. Conta-me a verdade, Cláudia. Peço-te em nome do amor que tive por ti, do que eu sofri, em nome de tudo. Dá-me esta oportunidade de realizar meu sonho. Não me abandones agora nem nunca mais! Cláudia, meu amor, não posso mais. Eu ainda te amo, mais do que tudo. Dize-me a verdade.

CLÁUDIA — Não. Não me toques. De mim não conseguirás uma palavra, nem que me matem. Eu de nada sei.

MARCÍLIO — A tal ponto amas então esse assassino?

CLÁUDIA — Agora sou eu quem não admite que me fales disso. Enquanto se tratava de explicar minha falta para contigo, estive pronta a responder. Mas tenho ainda altivez e dignidade apesar de tudo. Nada tens a ver com meus desgostos.

MARCÍLIO — Está bem. Sabe então que não descansarei enquanto a verdade sobre esse crime estiver oculta. Provarei os crimes de Rodolfo, o suborno, a corrupção que ele implantou no exército, os roubos e os crimes desta noite. Eu o perderei, mesmo que me perca com ele.

CLÁUDIA — Vai-te. Não quero mais te ouvir, nunca mais. A baixeza de tua revolta se revelou agora, no teu ódio. Vai. Que queres ainda comigo?

Entra RODOLFO.

RODOLFO — Que fazes aqui, com Cláudia?

MARCÍLIO — Não tenho explicações a dar a ninguém. Mas se quereis saber, procurava elucidar o crime e o ciúme desta louca me deu a indicação de que eu estava certo. Já sei agora que na verdade possuístes uma mulher enquanto a rainha morria.

RODOLFO — Cláudia, que lhe disseste?

CLÁUDIA — Nada.

MARCÍLIO — Então? Poderia ela ter dito alguma coisa? O rei saberá de tudo. Talvez então mande açoitá-la outra, em vez dessa pobre serva que nada sabe.

Sai. RODOLFO puxa o punhal e vai segui-lo. CLÁUDIA segura-o. Enquanto falam e RODOLFO tenta se desprender, SIGISMUNDO entra pelo lado oposto. Ao ver os dois, esconde-se atrás da cortina.

CLÁUDIA — Onde vais?

RODOLFO — Deixa-me. Ele me pagará.

CLÁUDIA — Não vás. Marcílio não sabe de nada.

RODOLFO — Que fazias aqui? Procuravas a mim, Cláudia?

CLÁUDIA — Afasta-te de mim. Que tenho eu contigo ainda, depois do que fizeste?

RODOLFO — Que tens ainda comigo! É possível que tenhas coragem de me abandonar agora, quando estou prestes a ser aniquilado?

CLÁUDIA — Exiges a minha compaixão... Tiveste compaixão de alguém, pelo menos uma vez? Soubeste o que era o sofrimento sem remédio, quando ninguém te ajuda? Só tu mesmo serias capaz de ter piedade de alguém! O que sentes agora é medo por ti mesmo, só isso. Estás com medo agora?

RODOLFO — Estou sim. Como poderia não estar? De repente parece que se desencadeiam potências indomáveis que desejam minha perda e que despertaram sem que fossem chamadas.

CLÁUDIA — Ao amanhecer elas revelarão sua face oculta. Então talvez tudo se venha a esclarecer. Há uma coisa, porém, que desejo saber de ti, antes.

RODOLFO — Não me perguntes nada, Cláudia. Se eu começar a responder, as potências te envolverão. Não quero que suceda isto. Eu te amo, Cláudia. Acredita nisso, pelo menos hoje.

CLÁUDIA — Como poderia te acreditar? Dizes que me tens amor e enquanto a rainha agonizava tu a deixaste para cometeres... o que cometeste, espojando tua sensualidade...

RODOLFO — Fala mais baixo, peço-te.

CLÁUDIA — Não te aproximes de mim.

RODOLFO — Odeias-me a tal ponto, então? Não és capaz de me perdoar?

CLÁUDIA — Não sei. Se eu soubesse isso, se pelo menos tivesse certeza de que podia te perdoar, saberia que te amava ainda e tudo estaria claro. Mas eu não sei de nada. Nem sei se o que tive por ti foi amor. Eu nunca saberei de nada.

RODOLFO — Que procuras saber, Cláudia? Não consigo penetrar o sentido de teu desespero. Por que vives buscando o que não se pode achar?

CLÁUDIA — Não sei, deixa-me.

RODOLFO — O que há é que nada te prende nem no paço nem no reino.

CLÁUDIA — Creio que há alguma coisa que me chama para outro lugar. Mas não entendo o chamado, nem sei de onde ele parte. Não entendo com

segurança aquilo que sinto. É isso o que me desespera, isso e a certeza de que a vida que vou vivendo não é autêntica.

RODOLFO — Não creio que esta noite seja falsa, nem ela nem seus acontecimentos inapeláveis.

CLÁUDIA — Cala-te, desgraçado. Por que lembrar esse cortejo de misérias? Queres maior prova de que esta vida é irreal e falsa do que esta noite? É isso que me dá a impressão terrível de que estou traindo uma outra vida, ardente e pura, onde está o melhor de mim mesma. É isso que me deixa exausta, até no meu desespero.

RODOLFO — Procura repousar, nem que seja um pouco. É possível isso.

CLÁUDIA — Como? Por acaso não o tentei? Era o que eu procurava no teu amor. Mas o que encontrei foi a morte da rainha, com tudo o que a cercou de traição e de crime. Que descanso eu poderia encontrar nisso?

RODOLFO — Eu não traí o teu amor, Cláudia. Procura acreditar no que te digo. Apenas sou um homem brutal e não me pude dominar. Mas, assim como sou, existo e estou ligado a ti. Sou capaz de amar. Esta noite me ensinou este fato. Depois da maneira como me trataste julguei que nunca mais poderia me aproximar de ti. Isso me causou uma angústia que eu jamais sentira. Ela me revelou que somente tu me podes aceitar tal como sou. Perdoa meu corpo, Cláudia. Vê se podes me encontrar e me abraçar inteiramente. Não sabes quanto isso me é necessário. Abraça-me, eu te peço.

CLÁUDIA — Não posso. Dize-me antes se mataste esse homem.

RODOLFO — E se eu o tivesse matado? Em nome de quê poderias me reprovar? Era uma questão de sobrevivência.

CLÁUDIA — Uma questão de sobrevivência! Então não recuarias diante de um ato como este? Vou-me daqui. Nada mais quero contigo. E querias que em ti eu encontrasse repouso! Não fales mais. O que disseste já é suficiente para o meu desespero.

RODOLFO — Cláudia...

CLÁUDIA — Deixa-me. És um assassino sensual e covarde. Hás de me pagar tudo, Rodolfo.

RODOLFO — Espera. Cala-te. Há alguém no quarto da rainha. Ouvi um ruído lá. *(Puxa o punhal.)*

CLÁUDIA — Não vás. Mais um crime e eu te denunciarei.

RODOLFO — É meu pai. Está adormecido, e certamente ressonou mais alto. Onde vais?

CLÁUDIA — Talvez eu possa libertar essa pobre mulher. Ao menos isso tentarei. Quanto a ti, adeus.

RODOLFO — Não me denuncies, pelo menos até o amanhecer.

CLÁUDIA — Agora eu te desprezo, Rodolfo. Nem ao menos um pouco de altivez podes guardar ainda. Fica tranquilo. Não sei denunciar ninguém. Quanto a essa morte, creio agora que tu a cometeste. Hei de descobrir tudo.

Sai. CARLOS *aparece à porta.*

RODOLFO — Ah, enfim despertastes.

CARLOS — Eu não dormia, Rodolfo. Também sei fingir sono, quando preciso.

RODOLFO — Que quereis insinuar?

CARLOS — Ouvi tua conversa com Cláudia. Não toda, mas o essencial. Ouvi-a dizer que abandonaste a rainha. Que sabe ela de tudo isso? É verdade o que disse?

RODOLFO — Afinal, não já sabíeis disso no íntimo? Por que essa indignação? Era de suspeitar, pelo menos quanto a vós.

CARLOS — Então tu me deves uma explicação. Não mintas. Dize-me a verdade. Ao sairmos nós daqui, antes que Sigismundo chegasse, Marcílio não se fora ainda e conversava com um homem no pátio exterior. Eu não esqueci o seu rosto, porque quando nos viu ele ficou atemorizado.

RODOLFO — E então? Onde quereis chegar?

CARLOS — Ele era o homem que foi assassinado. Fala, dize alguma coisa!

RODOLFO — Que tenho eu a dizer? Era ele, sim.

CARLOS — Então tu o mataste!

RODOLFO — Afastai-vos.

CARLOS — Assassino! Eu te matarei!

RODOLFO — (*Puxando o punhal.*) Antes morrereis vós.

CARLOS — Está tudo claro, então. Marcílio disse a verdade. Tu a deixaste morrer e temendo que Patrício soubesse, mataste o espião.

RODOLFO — Falai mais baixo. Se nos ouvirem, estamos ambos perdidos.

Aquela morte foi tanto vossa quanto minha. Precisava de estar em paz com o rei pelo menos até o amanhecer, e se ele soubesse que eu deixara a rainha morrer...

CARLOS — Então tu a deixaste morrer, propositadamente? Meu Deus, não posso mais.

RODOLFO — Por que não podeis mais? Antes, quando se tratava de conquistar a coroa, com tudo concordastes e agora fraquejais? Não me façais desprezar-vos. Não se conquista um trono sem matar ninguém, meu pai.

CARLOS — Mas não a ela, desgraçado. Que me importava ficar nas boas graças do rei? Contamos com gente entre os chefes de Marcílio. Por que não ordenaste o ataque logo? Se o tivésseis feito, não precisarias de cometer estes crimes terríveis.

RODOLFO — Eles foram inevitáveis. Se eu atacasse chegaria ao trono como usurpador, e isto não me interessava nem interessa de modo algum. Quero que o povo me receba como a um salvador. Isto não tem interesse para vós. O que vos move agora, como sempre vos moveu, é o ódio que tendes a vosso irmão.

CARLOS — Ódio?

RODOLFO — Sim, ódio. Não protesteis, pois eu vos conheço. Ou quereis fingir que o que vos levou a abandonar o ducado para tecer esta trama comigo foi o afeto paterno? Não sou ingênuo a este ponto, meu pai, e odeio estes fingimentos de virtude. Nunca soubestes o que é afeto pela família. O que vos levou a conspirar comigo foi o ódio que tendes pelo rei. Nunca o pudestes suportar.

CARLOS — Cala-te. Que sabes dessas coisas? Conheces por acaso os meus sentimentos?

RODOLFO — Conheço mais do que isso. Conheço todos os fatos que pensastes ter ocultado de todos. Julgais que não sei que fostes amante da rainha?

CARLOS — Vai-te daqui. Não te ouvirei mais.

RODOLFO — Agora é tarde. Tendes que me ouvir até o fim, senão estais perdido.

CARLOS — Pensar que gerei este teu corpo imundo que causou tudo. Ele respira tua brutalidade maligna e ávida, este teu corpo onde se casam a luxúria e a ambição. Não vês que isto tudo acabará com a morte? E depois de usá-lo assim como acreditar...

RODOLFO — Acreditar! Em quê? Não sou um covarde como vós. Não vivestes assim durante toda a vida? Quem mais luxurioso do que vós, que traístes minha mãe com a esposa de vosso irmão? Por que fingir? Não gosto de fingir, a não ser que precise. Sou um homem integral, compreendestes? Um homem sem mutilação. Conheço até onde vou. *(Aponta a cabeça.)* Até aqui vive e reina Rodolfo, e é nos limites de meu corpo que gero minhas leis. Entendestes? Ide agora. Já sabeis quem sou eu. Mostrei-me sem disfarces ao homem que me gerou. É uma oportunidade rara para quem não gosta de hipocrisia e no entanto vive a ela obrigado. Para não mentir, é uma sensação próxima da do gozo físico, mostrar-me por inteiro, sem perigo que me ameace.

CARLOS — Estás enganado. Esqueces o perigo que agora sou para ti. Um homem é um ser poderoso, contra si e contra os outros, principalmente um homem que conhece. Agora posso te aniquilar, Rodolfo. Não te conheço mais como filho.

RODOLFO — Aniquilai-me, então. Sucumbiremos juntos, pois tereis de explicar ao rei vossa angústia diante da morte da sua esposa. E de explicar também esse filho misterioso, nascido durante a viagem do rei. Falai! Que tendes? Onde está a vossa coragem? Não há necessidade de lutar, porém. Calai-vos e eu também me calarei. Ao amanhecer, a situação será diferente e eu estarei talvez ocupando já o trono. Para que então romper a nossa aliança? Podereis ganhar muito com ela.

CARLOS — Nunca. Nada posso fazer. Estou em tuas mãos. Não quero, porém, nada mais contigo.

RODOLFO — Como quiserdes. Se vos arrependerdes, porém, voltaí. Será sempre tempo.

CARLOS — Uma palavra ainda. Quem era a mulher a quem violaste?

RODOLFO — Recuso a minha confiança a quem quer que não esteja a meu lado. Basta que saibais que é uma mulher que nada significa para mim, uma simples serva do paço. Eu me contento com qualquer uma, desde que meu corpo a deseje.

CARLOS — És pior ainda do que eu pensava. E se Cláudia te denunciar?

RODOLFO — Ela não o fará. Tem dignidade demais para confessar que me odeia por causa de uma mulher estúpida. E preciso de pouco tempo. Adeus.

CARLOS — Adeus.

Sai. RODOLFO entra no quarto da rainha. SIGISMUNDO sai de seu esconderijo.

SIGISMUNDO — Eis a resposta que dá este mundo a meu gemido. Que sentido há no sonho e em minha sede? Sonho e sombra neste deserto de treva, um sonho terrível cujo sentido se desgarrou de minha sede. Mas se é um sonho, por que ouço pulsar na sombra os latidos de meu ódio? Ó minha carne! Que sentido têm, neste sonho, os uivos de minhas dolorosas descobertas? Não sei. Sinto apenas que eles se alimentam de tua substância bastarda. Bastardas minha carne e minha sede! Desterrado e estrangeiro neste lugar terrível a que fui arremessado! E tu, mulher viciosa e adúltera que me pariu, que sentido teve a tua vinda a teu deserto? Que sentido tiveram teus atos criminosos nessa trama sem nexos? Nenhum sentido, pois se todo o sonho nada significa, nada significam também nem o crime, nem a luxúria, nem a traição, nem a brutalidade que sinto a me espreitar de todo lado. Que venha então alívio à minha sede. Repousar a alma, assim falaram o homem e a mulher, e ela lhe entregou o amor com que sonhei. Mas não se extinguirá a minha sede? Eu o exigirei, lutando um combate que talvez me venha a destruir. O ventre há de trazer alívio à minha sede. Que este alívio repouse a minha alma, que abrace a carne já ferida, senão... Que poderei dizer a mim mesmo? Ninguém me pode dizer coisa alguma. Estou de novo perdido na minha treva. Que tudo se revele, nem que seja para espessar a sombra até o fim. Rodolfo!

RODOLFO — (*Entrando.*) Que desejas de mim? Onde estiveste?

SIGISMUNDO — Lá fora. Não tenho certeza.

RODOLFO — Não tens certeza? Por quê?

SIGISMUNDO — Tudo me aparece agora como que envolto na treva. Não tenho certeza de ter emergido da prisão em que vivi. Sou talvez um sonho engendrado na sombra, mas mesmo assim hei de agir. Talvez mergulhando neste desfile de águas selvagens encontre a verdade de meu corpo. Estás perdido, Rodolfo. Eu te odiava talvez antes de aqui aportar e agora tenho em minhas mãos o poder de desencadear as forças que te esmagarão.

RODOLFO — Que queres dizer? Forças que me hão de esmagar? Não é fácil assim destruir um homem.

SIGISMUNDO — Acaso não destruístes um aqui com tanta rapidez?

RODOLFO — Estás louco. Acreditaste por acaso no que disse aquele traidor?

SIGISMUNDO — Começas a ficar inquieto. Mas descansa. Não revelarei até onde chega meu poder. Basta que saibas que hei de te aniquilar por causa de Cláudia.

RODOLFO — De Cláudia? Que tem Cláudia a ver com isso?

SIGISMUNDO — Cala-te, cão imundo. Não gosto de te ouvir chamar o seu nome. O rei saberá de tudo.

RODOLFO — Fala então, se tens coragem. Pensas que podes me intimidar? Falaste como se soubesses de fatos que me perderiam, como se eu estivesse em tuas mãos. Sabe então que não estou nas mãos de ninguém. Não é um cego como tu que pode me causar medo. Vês? Nem a luz podes suportar, esta pouca luz que aqui está. Mesmo que conhecesses estes fatos, julgas que alguém daria ouvidos ao que dizes? Um louco, um idiota a contar fatos sem nexos.

SIGISMUNDO — Este louco é príncipe, no entanto.

RODOLFO — Príncipe!... Acreditas nisso? O rei usou tua pessoa apenas para ganhar tempo, enquanto se reúnem tropas para esmagar a revolta.

SIGISMUNDO — Não acredito! Estás mentindo.

RODOLFO — Ao amanhecer, verás se estou mentindo ou não. E não se trata disso apenas. Há outros fatos que esmagarão esta insolência com que me falas. Tenta destruir-me e verás. Tu não me podes acompanhar no meu desvio, nem tu nem ninguém. Toda a minha vida vivi assim, com gente que se sentia atraída por minha força e acabava por recuar, vendo até onde ia o abismo de minha desordem. Covardes! Hoje à noite já dois me abandonaram. Estou farto, entendes? Agora, deixa-me em paz.

SIGISMUNDO — Deixar-te em paz. Este é teu desejo. Pensas que não sei que o que te interessa é ganhar tempo? Mas eu não o permitirei. Agora mesmo, antes que amanheça, eu te denunciarei. Ouvi tudo, entendes? Tua conversa com essa prostituta e depois com teu pai. Eu estava aqui, vês? Fala agora.

RODOLFO — Então ouviste tudo. Disseste bem, ao afirmar que me interessa ganhar tempo. Pois bem, já cometi uma morte para ganhar tempo, a tua será a segunda.

Agarra SIGISMUNDO pela garganta e vai puxar o punhal. PATRÍCIO surge à porta.

SIGISMUNDO — Afasta-te de mim, maldito!

PATRÍCIO — Que é isto?

RODOLFO afrouxa a pressão e SIGISMUNDO consegue se livrar, correndo para PATRÍCIO. SIGISMUNDO acolhe-se aos braços de PATRÍCIO.

SIGISMUNDO — Ele quis me matar!

RODOLFO corre.

PATRÍCIO — Guarda! Bernardo! Prendei-o!

Sai por um instante e volta.

PATRÍCIO — Será preso. As portas estão guardadas. Que houve aqui?

SIGISMUNDO — Rodolfo quis me destruir.

PATRÍCIO — Que tens?

SIGISMUNDO — Senti um terror enorme, se bem que saiba que estou vivendo um pesadelo. Por que fiquei amedrontado? Creio que se não estivesse só...

PATRÍCIO — Acalma-te. O perigo já passou.

SIGISMUNDO — Mas só como eu estava, parecia que era uma figura da sombra que me assaltava, um pesadelo dentro do sonho geral.

PATRÍCIO — *(Para BERNARDO.)* Então? Prenderam-no?

BERNARDO — *(Entrando.)* Não, senhor. Ele conseguiu sair do paço.

PATRÍCIO — Está perdido, mesmo assim. Que poderá fazer na cidade?

SIGISMUNDO — Ele vai para o campo dos rebeldes, onde tem elementos.

PATRÍCIO — Envia soldados para as portas da cidade, com ordens de prendê-lo. Logo, Bernardo, antes que ele chegue lá. Ele foi a pé?

BERNARDO — Foi, senhor.

PATRÍCIO — Manda os soldados a cavalo.

Sai BERNARDO.

PATRÍCIO — Disseste que ele está envolvido na revolta?

SIGISMUNDO — Sim. Foi ele próprio quem o disse.

PATRÍCIO — A ti?

SIGISMUNDO — Não, a vosso irmão. Eu estava escondido aqui e ouvi tudo. Ele e o pai têm um plano para conquistar o trono, ao amanhecer. Contam com gente entre os rebeldes e entre esses reforços que vão chegar da província. É verdade que me usastes para ganhar tempo enquanto não chegam as tropas?

PATRÍCIO — É verdade sim. Por quê?

SIGISMUNDO — Não acreditais então na verdade de minha realeza? Ou antes, na minha verdade?

PATRÍCIO — Acredito, sim. Que tens? Por que estás tão agitado?

SIGISMUNDO — Por nada. Apenas agora sinto a me queimar o sangue a tentação de participar deste jogo louco e trágico. Descobri quão útil é nele a dissimulação e o engano. Escondido aqui, os fatos que ouvi bastaram para confirmar certos pressentimentos que me assaltavam no meu mundo anterior, sonhos que não eram senão a eterna conversa entre mim e o meu mistério.

PATRÍCIO — Que fatos confirmaram teus pressentimentos?

SIGISMUNDO — Tenho agora a certeza, se é possível certeza em vosso mundo, de que a verdade não encontra facilmente o seu lugar entre estes seres que agonizam em torno de mim.

PATRÍCIO — E os fatos? Por que falas assim?

SIGISMUNDO — Ah, são os fatos que desejais... Tomai cuidado. Depois de encarardes o que sei, talvez vossa realeza se mostre tão postiça quanto a minha.

PATRÍCIO — A realeza? Queres te referir ao perigo que corre o trono?

SIGISMUNDO — Não. É que na prisão mortal em que vivi não aprendi bem as palavras nem sua perigosa combinação. Chamo realeza, ou antes, chamava, ao fato de estar ali, aprisionado entre aqueles pobres limites.

PATRÍCIO — És um homem estranho. Fala claramente, meu filho.

SIGISMUNDO — Não me trateis assim! Não sou vosso filho, ao que parece.

PATRÍCIO — Que queres dizer? Tuas palavras insultam tua mãe.

SIGISMUNDO — E que me importa isto? Queria tê-la encontrado viva, para esbofetear a carne adúltera que me engendrou.

PATRÍCIO — Adúltera? Por que disseste adúltera?

SIGISMUNDO — Ela era amante de vosso irmão.

PATRÍCIO — De Carlos?

SIGISMUNDO — Sim. Ouvi tudo daqui quando deste colóquio entre pai e filho, tão íntimo e tão revelador.

PATRÍCIO — Não fales mais, peço-te por tudo. Não sabes que significação terrível têm essas palavras para mim. Queres me destruir?

SIGISMUNDO — Que sei eu? Sucumbi, se quiserdes. Que me interessa a vossa sorte? Quero porém saber que papel devo desempenhar aqui e hei de sabê-lo, custe o que custar.

PATRÍCIO — E é justo destruir a fé de toda uma existência, por causa de teu jogo?

SIGISMUNDO — Que tenho eu a ver com vossa existência? Um jogo, dissestes, mas o que ouvi é um fato.

PATRÍCIO — Tens certeza, então? Nesse caso não se pode confiar em ninguém. Vivi a seu lado a vida inteira e jamais a conheci.

SIGISMUNDO — Vedes agora por que eu dizia que não há nenhum sentido na vossa verdade? O mundo é uma cilada terrível, e nós um bando de cegos que se arrasta, tateando na bruma. É a solidão total. Que pensais fazer diante disto?

PATRÍCIO — Não sei. Não entendi o que disseste. Não te posso ouvir agora. Meu Deus!

SIGISMUNDO — Nem agora nem nunca. Era o que eu dizia. Que poderei eu dizer que vós entendais? Que palavras usar para que outros se comuniquem comigo? Era preciso que eu falasse a linguagem dos anjos, mas sou homem e minha linguagem só a meu mistério se dirige. Eu falo meus gestos e meus pressentimentos, e eis que em torno de mim dançam as palavras, um verbo alado e confuso. É ele quem gera essa nuvem de abutres malsinados, cujas garras de bronze despedaçam minha carne. Vedes? Ouvis o sangue a gotejar? Desde a prisão eu o ouvia na sombra, a formar aos poucos a figura de minha iniquidade, fumegando no deserto sua lama sangrenta e solitária. Onde quereis ir?

PATRÍCIO — Ouvi passos. Talvez seja Carlos. Ele me pagará.

SIGISMUNDO — Deve ser ele. Gira sem cessar em volta do corpo de minha mãe e não pode abandoná-lo. Ele ignora que eu sei de tudo. Ficarei aqui por segurança. Falai-lhe.

Esconde-se atrás da cortina. Entra CARLOS.

CARLOS — Ah, estás aqui. Eu te procurava. Mandaste prender Rodolfo?

PATRÍCIO — Mande sim.

CARLOS — Por quê?

PATRÍCIO — Que tens tu a ver com isso? A segurança do reino assim o exigiu.

CARLOS — É verdadeira então a acusação de Marcílio?

PATRÍCIO — Bem sabes que sim. Por que fingir ainda?

CARLOS — Afinal, por que me falas desse modo?

PATRÍCIO — Hipócrita! Pensas então que não estou a par da conspiração que urdiste com ele? Traidor imundo!

CARLOS — Por que me insultas? Manda-me prender também se quiseres, já que acreditas naquele traidor, mas não me trates desse modo. Eu não suporto isso nem de ti.

PATRÍCIO — Nem de mim, dizes. Tens coragem ainda de fingir um certo afeto? Vejo agora claramente. Que queres ainda com minha esposa depois de ela estar morta?

CARLOS — Com tua esposa? Que dizes?

PATRÍCIO — Sim, com minha esposa. Julgas então que ainda ignoro até que ponto vai tua baixeza? Eu era cego, mas Sigismundo me abriu os olhos.

CARLOS — Sigismundo? Então ele não é teu filho?

PATRÍCIO — Agora confessaste tudo, sem querer. Pensas então que ele é teu filho! (*Investe para ele.*)

CARLOS — Espera. Por que falaste nele então?

PATRÍCIO — Ele ouviu toda a conversa que mantiveste com Rodolfo. Dois criminosos, um assassino e um traidor adúltero.

CARLOS — Então já sabes de tudo. Pensas por acaso que me importo? Pelo contrário. Desejei sempre que viesses a saber. Sabe agora que eu te odiei durante toda a minha vida.

PATRÍCIO — E por que não? Um ser inferior e baixo como tu odeia sempre...

CARLOS — Inferior e baixo. E tu? De que vale a tua superioridade? Para que te serviu ela, essa espiritualidade a serviço do estado? O mais que conseguiste com ela foi o desprezo de tua mulher.

PATRÍCIO — Cão mentiroso!

CARLOS — Tu mesmo sabes que não estou mentindo. Ela mesma me disse...

PATRÍCIO — O quê? Acaba! Nada mais temos a perder. Fala!

CARLOS — Ela me disse que não suportava o teu corpo.

PATRÍCIO — Pois ela te mentiu. Prepara-te. Tu me pagarás.

CARLOS — Como quiseses. Lá fora, é todo o poder do estado que me espera. Aqui, porém, estás sozinho contra mim. *(Puxa o punhal.)*

PATRÍCIO — O poder do estado ficará onde está. Quero te matar sozinho. *(Puxa também seu punhal. SIGISMUNDO sai de seu esconderijo e segura CARLOS por trás.)*

CARLOS — Solta-me, traidor! *(Forceja por soltar-se. SIGISMUNDO toma-lhe o punhal.)*

SIGISMUNDO — Deixai para depois a vossa vingança. Por que vos matardes agora? Que tudo se esclareça antes. Guardai o vosso punhal. Não vos esqueçais de que há ainda muitas coisas obscuras a revelar.

PATRÍCIO — Que me importa tudo isso agora? Que interesse tem ainda para mim o resto dessa história horrível?

CARLOS — Para ti, não sei, mas a mim ela interessa, agora mais do que nunca. Agora o meu ódio por ti é a única coisa que me resta. E a encarnação desse ódio para mim é o fato de que ela amava a mim e não a ti.

PATRÍCIO — Amor! Que sabes tu a esse respeito? Só mesmo tu eras capaz de a ter atraído. Ela não era mulher para um porco como tu. Sabes disso no íntimo e tentas enganar a ti próprio.

CARLOS — Tu, sim, estás mentindo agora. O fato é que ela era uma simples fêmea, uma cabra insaciável. Podes fingir à vontade. Há um fato, porém, que esclarecerá tudo.

PATRÍCIO — Que venha ele então. Agora sou eu quem exige os fatos, para ter certeza. Que fato é esse a que te referes?

CARLOS — O nascimento de Sigismundo. Ele revelará quem o gerou. Em que dia nasceste?

SIGISMUNDO — Não sei.

PATRÍCIO — Bernardo deve saber. Vai chamá-lo. Se fugires...

CARLOS — Não fugirei. Julgas que a minha segurança me importa antes de te ver aniquilado? Esperai-me aqui. *(Sai.)*

PATRÍCIO — Tinhas razão, Sigismundo. Que sentido tem a traição num mundo em que ninguém se entende? Vivia com ela e não a conhecia. Julgava-a pura e vejo agora que ela era capaz de acolher qualquer homem, com seu sorriso que eu achava sereno e que era, na verdade, dúplice e acolhedor, figura de seu sexo misterioso. Cada um fala sua linguagem e a sua era de mulher, só por isso obscura para mim. Mais do que eu, representava ela o nosso mistério; eu, como homem, girava em torno dele e ela o tinha no íntimo de suas entranhas. Pode haver verdade para mim, agora? Se ela não era quem eu julgava, em ninguém mais posso confiar. Edifiquei minha vida sobre fatos engendrados pela mentira.

SIGISMUNDO — Por que buscais ainda, então? Deixai que eu descubra a verdade do meu nascimento. A mim ela interessa fundamente. Mas que vos pode ela ainda trazer?

PATRÍCIO — Pode me trazer a revelação de meu corpo e de suas rudes verdades. Sinto no mais vivo dele uma dolorosa humilhação. Meu Deus, perdoai-me, mas quero saber disso mais do que tudo, agora! E hei de sabê-lo!

Entram CARLOS e BERNARDO.

PATRÍCIO — Então, Bernardo?

BERNARDO — Foi preso, senhor, quando já ia transpor as muralhas. Quereis que...

PATRÍCIO — Deixa isso, por enquanto. Carlos nada te disse?

BERNARDO — Não, senhor.

PATRÍCIO — Em que dia nasceu Sigismundo?

BERNARDO — Não sei. Foi há bastante tempo já e esqueci-me.

PATRÍCIO — Vê se te lembras. Eu te ordeno.

BERNARDO — É impossível. Sei apenas que foi no dia de São Sigismundo, por causa do nome.

CARLOS — Em que dia do ano cai a festa desse santo?

BERNARDO — Não sei.

PATRÍCIO — Procura verificá-lo. Ajuda-me, Bernardo. Mais uma vez preciso de ti.

CARLOS — (*Detendo BERNARDO.*) Espera. Vive ainda o pastor que criou Sigismundo?

BERNARDO — Vive, sim.

CARLOS — Aonde?

BERNARDO — Numa gruta nos arredores da cidade.

PATRÍCIO — Manda chamá-lo aqui, imediatamente.

BERNARDO — E os rebeldes, senhor?

PATRÍCIO — Pede um salvo-conduto a Marcílio.

Entram ESTELA e MARCÍLIO.

ESTELA — Senhor, Rodolfo está no pátio, cercado de soldados. Que significa isto?

PATRÍCIO — Significa que ele e o pai são dois traidores. Ele ficará preso desde agora. *(A CARLOS.)* Quanto a ti, veremos. Se tentares sair do paço, serás decapitado. Bernardo, cuida de que nenhum dos dois fuja. Vem comigo. *(Sai com BERNARDO.)*

SIGISMUNDO — Que pastor é esse de quem falastes? Em que circunstâncias nasci eu? Existe ainda alguma coisa que ocultaram de mim?

CARLOS — É que...

ESTELA — Calai-vos. Não achais que já é bastante? Ele não suportaria a verdade.

CARLOS — E que me importa isso agora?

SIGISMUNDO — Não o impeças de falar. Que mistério há em torno de meu nascimento?

CARLOS — É que estiveste preso, na verdade.

SIGISMUNDO — Então era verdade! Eles me pagarão!

ESTELA — Sigismundo! Que tens?

SIGISMUNDO — É a luz, novamente. Não posso suportá-la! Então a prisão era um fato. Por que então a fábula da doença?

ESTELA — Porque...

SIGISMUNDO — Cala-te. Não quero mais nada contigo. És uma mentirosa, falsa igual a todos. Por que me mentiste? Quem me prendeu?

MARCÍLIO — Vossa mãe. Havia uma profecia sobre um príncipe chamado Sigismundo que causaria males inumeráveis ao reino e a sua família. Por isto fostes preso.

SIGISMUNDO — Eu sabia: a prisão nasceu com Sigismundo. Dizei agora, vós que pertenceis a este mundo: é justo encerrar um menino numa prisão por causa de uma história antiga? Pode-se cometer um crime como esse impunemente? Vós que me ouvis, que fizestes para o impedir? Tendes coragem de vos revoltar? Por que não vomitais a vossa servidão?

CARLOS — Não sei. Esbraveja agora à vontade. Nada mais tenho convosco.
(*Sai.*)

SIGISMUNDO — E tu? Onde está agora tua revolta? Os fatos provaram que tinhas razão, mas chegaram tarde. Sabes que tua revolta estava morta ao nascer? Serviste sem querer aos planos de Rodolfo. Teus auxiliares estão subornados por ele.

MARCÍLIO — É verdade?

SIGISMUNDO — Por que não? Enfim, que interesse tem ela para ti? O que desejava era uma mulher, e esta já a perdeste para sempre. Agora vai. Nada mais quero contigo.

MARCÍLIO — Ainda é tempo de abortar a conspiração.

SIGISMUNDO — Talvez. A estas horas talvez já estejam atacando, sem saberem que seu chefe foi preso.

MARCÍLIO — Falarei com o rei e irei ao campo. *(Sai.)*

SIGISMUNDO — Eis toda a minha vida, esta vida a que fui trazido, solvida de repente no mistério. Para onde ir? Que faço aqui?

ESTELA — Não desesperes, peço-te por quem és. Não desesperes, meu amor.

SIGISMUNDO — *(Repelindo-a.)* Amor! Não digas isso diante de mim nunca mais. Nunca mais, entendeste?

ESTELA — Que fizeram contigo para assim me tratares?

SIGISMUNDO — Nada. Apenas entendo agora o que significa nascer para o teu mundo. Achas pouco? Basta isso para me brutalizar inteiramente e agora é todo o meu sangue que se agita. Por que não me ajudas? Por que todos parecem se juntar numa ronda enlouquecida que me atrai para o seu centro de fogo? Responde, mentirosa!

ESTELA — Não sei de nada. Vejo somente que sofres muito e sofro contigo. Não é preciso que me trates tão mal para que eu te acompanhe na tua dor.

SIGISMUNDO — Acompanhar-me na minha dor! Que tenho eu com o teu sofrimento? Tens tu alguma coisa a ver com o meu? Estamos perdidos na

treva, tu e eu, e nem sequer podemos divisar outro rosto. Dize agora que sentido podia ter para mim esta verdade que traíste.

ESTELA — Perdoa-me. Não te disse tudo porque julguei...

SIGISMUNDO — Cala-te! Que verdade implacável seria esta, se possível fosse, uma verdade a quem seríamos obrigados a servir, uma entidade muda e fria que nem absolve nem condena? E já que se falou em condenação, que sentido tem a pena que me foi imposta por ter gravado na carne um nome condenatório? Para que impor tais nomes a uma criança? Para tornar possível uma realeza baseada apenas em mentira e fornicção?

ESTELA — Não sei. Não me trates com tanta dureza.

SIGISMUNDO — Eu nada mais entendo. Destroçou-se o sentido de teu mundo, se é que ele possuiu algum em outro tempo. Meus atos não têm nenhuma relação com os teus nem com os de ninguém. Um me prende, outros me traem, vejo mortes, tu me escondes a traição e a pena. Para onde caminha esse exército enfurecido?

ESTELA — Não me fales assim. Não posso suportar os teus olhos.

SIGISMUNDO — Que têm eles?

ESTELA — Estão como que feridos por uma luz maligna.

SIGISMUNDO — E que mal te pode fazer esta luz? Se nem sabes quem sou eu!
Por que estás com medo?

ESTELA — Por quê? Porque eu te amo.

SIGISMUNDO — E que importa isso a meu gemido? Que alívio me pode trazer o fato de ser amado por uma prostituta desleal como tu?

ESTELA — Não sei. Não diga isso, Sigismundo! Nunca fui amada por ninguém. Não sei falar como os outros. Manda que eu me vá. Por que me maltratas?

SIGISMUNDO — Não sei. Estou ferido para sempre. Ao chegar, encontro morto o ventre que me gerou, invadido aos poucos por esse mistério sombrio. E ao lado desta morte, o desfile de serpentes apodrecidas desta noite. Queres saber de tudo, ouve então. Sou, neste mundo a que cheguei, não somente estrangeiro mas bastardo. Minha carne é bastarda.

ESTELA — Bastarda?

SIGISMUNDO — Sim, bastarda, ao que parece. Minha mãe, ao contrário do que se julgava, era uma serva da luxúria e de seus desejos. Sorrindo o seu antigo sorriso, acolheu no seu leito de adúltera o irmão de seu esposo, de quem sou filho ao que tudo indica.

ESTELA — De meu pai?

SIGISMUNDO — Não. Do outro.

ESTELA — Não é verdade. Dizes isto para que eu sofra.

SIGISMUNDO — Pensas então que não sofro também? É o que há de pior aqui. Nada tem sentido e, no entanto, sem que nos possamos dominar, somos presa do ódio e do sofrimento.

ESTELA — Eu não a conhecia, então.

SIGISMUNDO — Tu talvez a conhecesses. És mulher também e talvez pudesses entender sua linguagem. Falas a linguagem do teu sexo, eu a do macho. Pensas que me conheces. Talvez sejas tão adúltera quanto ela. Ou quanto tua irmã. Ninguém conhece o outro. O que é amor em ti pode ser cegueira e sede em mim.

ESTELA — Por que chamaste Cláudia de adúltera?

SIGISMUNDO — Deixa-me. Não sabes do que estou falando. Mas é a verdade. Vivo mergulhado em tamanha cegueira, torturado por uma sede tão ardente, que nem esta sede posso conhecer e precisar. Sinto-a somente, tateando no escuro, como um cego à espera da morte. Julgas que és melhor do que eu?

ESTELA — Não sei. Por que te comprazes em escarnecer de mim? Não posso suportar isto muito tempo.

SIGISMUNDO — Afasta-te de mim então. Fui desenganado e traído e aprendi a fazer o mesmo.

ESTELA — Por que, Sigismundo, meu amor? Quem te ensinou essas coisas terríveis?

SIGISMUNDO — Como poderia eu saber? Foi o deserto que me traiu, o deserto e minha sede.

ESTELA — Não te entregues ao desespero. Outros são bastardos, e a tua família te acolherá, mesmo que o sejas. Eu te acolherei, para sempre.

SIGISMUNDO — Sim, minha família me acolherá? Acontece que não o poderia suportar, entendes? Já vi isso a que chamas família uivando como um bando de cadelas esfomeadas, sedentas de sangue, a mergulhar os dentes

na carne dos outros, a rir enquanto feriam, escarnecendo ao mesmo tempo dos gemidos da vítima e da própria estupidez.

ESTELA — Não fales mais. Então foi assim que nos viste? Por quê? O crime de Rodolfo é verdadeiro?

SIGISMUNDO — É sim.

ESTELA — Meu Deus!

SIGISMUNDO — Por que ficares tão agitada? Assim tinha que ser. A morte, o sangue, a sede e o ventre. Não te vás. Quero agora que fiques comigo.

ESTELA — É verdade? Desejas que eu fique?

SIGISMUNDO — Sim, este é agora o meu desejo. Talvez possas matar a minha sede.

ESTELA — Só porque te amo?

SIGISMUNDO — Cala-te, mulher. Não sei o que significa isto para ti. Quero apenas descansar no teu ventre a minha sede. Acolhe-me nele. *(Abraça-a.)* Que é isso? É bom. Posso pegar aqui? Estás gostando! Sim, vejo que sim! E aqui?

ESTELA — Não posso. Ó meu amor!

SIGISMUNDO — Por que não queres me seguir?

ESTELA — Há mandamentos que me impedem.

SIGISMUNDO — Não temas. A lei foi feita para os sacrílegos, para os impuros, para os parricidas, para aqueles que se entregam à fornicação, para os roubadores de homens, enfim para os que cometem toda e qualquer ação contrária ao ensino da verdade. Mas nada disto tem sentido, num mundo em que ninguém se entende.

ESTELA — Por que zombas de mim, tentando me enganar?

SIGISMUNDO — Enganar-te? Teria eu conhecido a concupiscência se a lei não tivesse dito que eu nada cobiçasse? Não me abandones. Estou cansado e solitário agora. Sacia a minha sede com teu corpo e talvez então eu possa entender tua linguagem. Vem.

ESTELA — Não, para lá não. Tua mãe está ali.

SIGISMUNDO — E que importa isso? O mistério está no teu ventre. Quero desvendá-lo diante do dela, que me lançou neste planalto varrido pelo mar, pelo sol e pelo áspero vento da morte.

ESTELA — Tuas palavras são terríveis. Faze-me temer o teu perigo! Sozinha, não posso. Não me deixes fraquejar. Talvez aquilo que desejei ser outrora, venha um dia a merecer compaixão. *(Entram no quarto da rainha.)*

CORO

O castigo do corpo e seu mistério.
O queixume da carne e seu fascínio.
Que sentido há na carne rebelada,
Que nobreza de sangue e confusão?
Esses seres alados que esvoaçam
Seu silêncio de brasa e sua espada
Choram talvez, na sede já tranquila,
A ausência de teu corpo enfurecido.
Pois a carne contém culpas sagradas,
Ecos de amor, de sono e algum olvido,

E guarda sob a relva e o monte cáldo
O desejo do tempo e o odor da morte.
Mas não procures nela o que não tem.
Ali só há coxilha e sangue espesso,
Palpitação de pássaro, agonia
E a relva que do sangue se sustenta.
As águas não habitam no teu ventre.
Tenha ele embora as margens e o murmúrio,
Seja mulher ou guardador de cabras,
Não procures as águas noutro sangue:
O ventre aberto e o sangue descerrado
Devolverão na treva o teu gemido
E é tudo o que do ventre hás de alcançar.

SIGISMUNDO — (*Entrando.*) E afinal, foi a morte que encontrei no ventre. E é aí
que se procura alívio a esta sede mortal? Estela!

Entra ESTELA.

SIGISMUNDO — Que tens? Por que choras?

ESTELA — Não sei. Sinto uma tristeza que nunca sentira antes. Talvez seja por
causa do que fiz.

SIGISMUNDO — Por que essa tristeza? Ela nada te diz, não tem nada a ver
contigo, nem ela nem o temor que traz consigo. Só uma confirmação tem
esse temor, e é o fato de estarmos sentenciados a jogar aqui esta partida
de sonhos sangrentos.

ESTELA — Talvez isso seja verdade para ti. Mas, para mim, há uma
significação terrível no ato que pratiquei.

SIGISMUNDO — Por que disseste isto?

ESTELA — Em que te magoei? Perdoa-me.

SIGISMUNDO — Por que afirmaste que não tem esse ato sentido para mim, enquanto que o tem para ti?

ESTELA — Tu mesmo o afirmaste há pouco.

SIGISMUNDO — E é verdade: no que concerne a todos, nada tem sentido. Mas não quero que suceda tal fato comigo de modo diferente. Não quero, ouviste? Por que aconteceria tal coisa somente comigo? O que é verdade ou sonho para mim, agora, há de sê-lo também para os outros. Ou antes, o pesadelo geral é agora o meu também, há de sê-lo até na morte. Tornei-me igual a todos, se bem que não me conheças.

ESTELA — Então eu não te conheço? Conheço-te, sim. Paguei este conhecimento a alto preço. Por que me tratas assim? Falas comigo como se me desprezasses.

SIGISMUNDO — E se fosse verdade que eu te desprezo? Que poderias fazer para impedi-lo? Sou livre.

ESTELA — Estou perdida.

SIGISMUNDO — Sim, estás. Eu te desprezo. Sabe logo a verdade: eu te desprezo mais do que a todos. Por que te entregaste a mim?

ESTELA — Porque tu me pediste.

SIGISMUNDO — Podias ter recusado. Devias ter recusado. Não eras serva dos teus mandamentos? Ou o que fizeste foi fruto da liberdade que a revogação da lei gerou? Mente à vontade. Traíste os teus senhores. E em troca de quê? De um ferimento na carne. Rá, rá! Eis o que procuravas.

ESTELA — Não te compadeças de mim, mesmo vendo quanto te amo?
Protege-me, Sigismundo. Agora sinto-me solitária e inerte. Só tu me
podes ajudar; cuida de mim, pelo menos um pouco. Não tenho coragem de
sair daqui agora. *(Abraça-o.)*

SIGISMUNDO — *(Esbofeteando-a.)* Deixa-me. Que tenho ainda a ver contigo?
Traíste a minha sede. Vai-te.

ESTELA cobre o rosto com as mãos e vai sair. Entra BERNARDO.

BERNARDO — Que tendes?

ESTELA sai.

BERNARDO — Que fizestes com ela?

SIGISMUNDO — Queres mesmo saber de tudo? Resolvi me tornar igual a todos.
Possuí-a então, junto ao ventre que me gerou. Talvez agora possa me
sentir menos só.

BERNARDO — Desgraçado! O rei nunca te perdoará.

SIGISMUNDO — Eu não quero o seu perdão. Nunca pedi que ninguém me
perdoasse. Vai-te daqui, sabujo.

BERNARDO — Afinal, que tendes? Não vos deixeis dominar. Estais como que
cheio de ódio.

SIGISMUNDO — E que me importa isso? Posso levar meu ódio até onde quiser.
Podes me censurar por acaso? Sai daqui. Sai, estás ouvindo? Ou queres
que te mate?

BERNARDO — Estais louco, sei agora que estais completamente louco.

SIGISMUNDO — Estou louco, não é? Toma então a loucura para ti também.
(Apunhala-o.)

BERNARDO — Que mal vos fiz?

SIGISMUNDO — Vês agora até onde posso levar minha loucura? Grita, se puderes. Por que não pude, entretanto, mergulhar o punhal até o fim?

Entra CLÁUDIA.

BERNARDO — Ajudai-me, senhora. Estou ferido.

CLÁUDIA — Tu! Por que o feriste?

SIGISMUNDO — Ele que te diga, se puder.

CLÁUDIA — Meu Deus! Como te sentes?

BERNARDO — Estou bem. Creio que o punhal não atingiu grande coisa. Que o rei não saiba de nada.

CLÁUDIA — Podes andar?

BERNARDO — Posso.

CLÁUDIA — Sai por aqui, então. Trata de estancar o sangue do ferimento.

Sai BERNARDO.

CLÁUDIA — Que loucura foi essa? Queres aumentar ainda os acontecimentos desgraçados desta noite?

SIGISMUNDO — Talvez. Se este for o meu impulso eu o seguirei. Não entendo mais nada e estou cansado de escolher e ser enganado pela escolha. E, se o festim sangrento passa agora a meu lado, nego-me à luz que me cega, dançando nele também os impulsos de meu sangue. Podes tu me censurar, mulher? Julgas que ignoro ainda que quiseste me matar porque amavas aquele assassino? Tu o amas ainda? Responde.

CLÁUDIA — Não sei.

SIGISMUNDO — E antes?

CLÁUDIA — Não sei, creio que sim. Rodolfo e o pai foram presos por ordem do rei. É verdade o que disseste sobre a conspiração? O rei vai mandar torturá-lo.

SIGISMUNDO — Foi para lamentar isso que vieste aqui? Se foi, vai-te. Eu nada tenho a ver com os desejos de teu corpo.

CLÁUDIA — Vim para pedir a tua ajuda.

SIGISMUNDO — Afasta-te de mim. Teu corpo cheira a sangue e não a cedro, como julguei.

CLÁUDIA — Não me deixes só, agora. Fala com o rei. Intercede por Rodolfo.

SIGISMUNDO — Nunca, nunca, ouviste? Afinal que esperas de mim? Achas que conseguirias alguma coisa exibindo-me tua concupiscência deste modo? O amor carnal que tens por ele vai até o ponto de perderes a visão e a dignidade? Fala! Que tem ele para o desejares assim?

CLÁUDIA — Eu não o amo. Apenas sucede que se ele for torturado eu mesma correrei perigo.

SIGISMUNDO — Eu o odeio, a ele e a sua insolente brutalidade. Ele tentou me matar e eu fiquei amedrontado. Nunca o perdoarei. Aproveitou-se de minha solidão e do fato de meus olhos enxergarem às vezes essas visões malditas. Mas ele me pagará.

CLÁUDIA — Age com generosidade, pelo menos esta vez. Faze isto por mim.

SIGISMUNDO — Que fizeste já por mim, tu que traíste o meu desejo? Por que mentiste, dizendo-me que o odiavas? Que morra coberto do sangue imundo que tu desejas. E mesmo que eu intercedesse por ele, o rei me ouviria? Sou bastardo.

CLÁUDIA — Ninguém o sabe com certeza. Talvez não o sejas.

SIGISMUNDO — Talvez. Talvez o seja, também. Talvez Rodolfo não morra. Talvez tu não o desejes. Ninguém sabe de nada neste mundo. Quem poderá jamais vir a saber tudo isto? Estamos completamente cegos e eu mais do que todos.

Gritos de homem, fora.

CLÁUDIA — Meu Deus, começaram a torturá-lo. Pede por ele. Eu não o amo, juro-te por tudo. Que crime cometi eu?

SIGISMUNDO — Creio que nunca cometeste crime algum, nem tu nem ninguém. Não pode existir crime num mundo onde não há lei.

CLÁUDIA — No entanto sinto-me responsável por tudo quanto aqui sucedeu. Por que isto?

Soam novamente os gritos.

CLÁUDIA — Não posso mais. Por que se maltratam assim uns aos outros?

Entra MARCÍLIO.

MARCÍLIO — O rei deseja que assistais à tortura do príncipe. Talvez diante de vós, que ouvistes tudo, ele confesse.

SIGISMUNDO — Não. Dize ao rei que o traga aqui se quiser.

CLÁUDIA — Estás satisfeito afinal? Vai e desencadeia tua revolta agora. Rodolfo e meu tio foram presos já. Que esperas?

MARCÍLIO — Para que me revoltar ainda? Já prestei ao reino o serviço que desejava.

CLÁUDIA — E a reforma do estado? Não era o teu sonho? Ou estás satisfeito agora porque perdeste Rodolfo?

SIGISMUNDO — Não fales mais nele. Por que pronuncias assim o seu nome? Eu te matarei se ainda o fizeres.

CLÁUDIA — Deixa-me falar, é a ti que defendo agora. Confessas então que a tua revolta era gerada pelo ódio e pela ambição?

MARCÍLIO — Estás mentindo.

CLÁUDIA — Toma o trono agora. É a tua oportunidade. Um rei traído e velho...

SIGISMUNDO — Um príncipe bastardo e tu, que salvaste o reino dos estrangeiros.

CLÁUDIA — Conquistarias de um só golpe tudo que desejas. Sabe porém que eu te desprezaria ainda mais.

Gritos de RODOLFO.

CLÁUDIA — Meu Deus!

MARCÍLIO — Que vos dizia eu, príncipe Sigismundo? Ela o ama. Matai-me se quiserdes, mas é verdade. *(A CLÁUDIA.)* Que me importa o teu desprezo? Agora eu te conheço mais do que tu mesma e esse conhecimento matou o amor que eu tinha por ti. Sabe o que te deixa tão inquieta? Desejo, sede, Cláudia.

CLÁUDIA — Que queres dizer?

MARCÍLIO — O que qualquer um entende por isso. Por que estás tão agitada, como se fosses culpada de alguma coisa? É que Rodolfo agrada o teu corpo e não queres confessar tal fato a ti mesma. Poderias tu mesma ter causado o crime.

SIGISMUNDO — Estás louco. Cala-te.

MARCÍLIO — Por que não és sincera contigo própria? Podias libertar os teus desejos entregando-te ao primeiro que despertasse o teu corpo. Vai para a rua, se o desejas, e lá...

SIGISMUNDO — Cala-te, já disse!

CLÁUDIA — Deixa-o.

SIGISMUNDO — Está bem. Sai daqui.

MARCÍLIO — Quanto às acusações que me fizestes, hei de provar que estais enganado. Muito do que ela disse é verdade, mas nem tudo o é. Na verdade, eu desejava acertar... Apenas não contava com essa mistura terrível de forças reais e desejos desordenados.

SIGISMUNDO — Que ingenuidade, é um idealista! Querer se meter numa história dessas sem sujar as mãos no sangue dos outros e nos despojos da própria inocência!

Entram ao mesmo tempo BERNARDO, por um lado, e, por outro, PATRÍCIO e CARLOS, este algemado.

PATRÍCIO — (*A BERNARDO.*) Por que não atendeste a meu chamado? Guardai as portas, para que ninguém saia.

CARLOS — Como poderíamos fugir, eu algemado e meu filho no estado em que o puseste?

CLÁUDIA — Vós o torturastes?

PATRÍCIO — Fica aqui, eu te ordeno. É preciso que ele confesse.

CARLOS — Que desejas saber? Confessarei o que quiseres, mas deixa-o em paz agora.

PATRÍCIO — Poderias então me esclarecer tudo? Quem foi a mulher que ele possuiu?

CARLOS — Não sei. Talvez nem seja verdadeira essa acusação.

MARCÍLIO — O homem jurou que sim.

SIGISMUNDO — Deixa-o falar. Ele bem sabe que é verdade. Eu ouvi Rodolfo lhe dizer aqui.

PATRÍCIO — A verdade tem que ser descoberta, seja ela qual for. (*A BERNARDO.*)
Encontraste o pastor?

BERNARDO — Encontrei. Não estava em casa, mas na prisão, acusado de um assassinato. Deixei-o lá fora. Ele não me reconheceu.

CARLOS — Esta é a minha vingança, estes teus passos inquietos em torno do que tanto temes, a revelação de que tua mulher te desprezava. Sabe então da verdade, agora. Sigismundo é meu filho.

PATRÍCIO — Tu não podes ter certeza.

CARLOS — Vê então. Toma, aqui tens. Antes que traiçoeiramente me mandasses prender, fui buscar isto na capela.

PATRÍCIO — O que é isto?

CARLOS — É o Próprio dos Santos. Vês agora? Olha de uma vez para sempre. O dia de São Sigismundo é o primeiro dia do mês de maio.

PATRÍCIO — É verdade.

CARLOS — Estás convencido agora?

PATRÍCIO — Saí para a viagem nos fins de junho do ano anterior. Foste concebido na minha ausência.

SIGISMUNDO — Que me importa isso agora? E para vós que importância tem? Quanto a mim, quero saber de tudo somente para me fortalecer na certeza de que nada mais me detém, estrangeiro e bastardo num país de possessos. Mas a vós, que importa?

PATRÍCIO — Importa para que minha vingança seja completa. Agora hei de apurar tudo, o crime e a conspiração.

MARCÍLIO — Quanto à conspiração, ela está abortada. Mandeí aprisionar todos os meus comandantes. Rodolfo está perdido.

CARLOS — E tu, achas que estás salvo? Não sabes que o rei te traiu? Ele te chamou aqui...

PATRÍCIO — Cala-te.

CARLOS — Calar-me, eu? Por quê? Ouve tudo agora, louco confiado. O rei te chamou aqui somente para ganhar tempo, enquanto chegam as tropas da província.

MARCÍLIO — É verdade, senhor?

PATRÍCIO — É, sim. Defendi o meu trono.

SIGISMUNDO — Não vos esqueçais, porém, de que grande parte dessas tropas é fiel a Rodolfo.

MARCÍLIO — A traição que sofri não me interessa mais. Podeis contar comigo para combater o que vier. Rodolfo vos traiu e subornou meus chefes. Unamo-nos contra os estrangeiros. *(Para SIGISMUNDO.)* Aí tendes a resposta que vos prometi. Renuncio à chefia em favor do rei.

CARLOS — E depois? Em que situação estarás? Traíste o rei ao te rebelares e agora traís a revolução.

MARCÍLIO — Corro o risco com ambos. Exijo porém em troca que se esclareça o crime de Rodolfo.

PATRÍCIO — Disso me encarregarei eu. Manda entrar o pastor.

CARLOS — Tens ainda alguma esperança quanto a tua paternidade?

PATRÍCIO — Quero apurar tudo.

Sai BERNARDO.

SIGISMUNDO — Este é também o meu desejo. Quero saber por que sobrevivi, por que fui preso, onde estava a minha liberdade. Que liberdade podia assumir um homem retido na prisão por toda uma eternidade e arremessado de repente a este mundo sangrento sem interferência de sua vontade? Que se faça então o balanço de tudo, para que eu tudo possa desprezar. Que venha o pastor que me trouxe ao mundo, iniciando este conto malsinado.

Entram BERNARDO e CLEMENTE.

SIGISMUNDO — Entra, Clemente, comparece perante os teus senhores e narra a todos a fábula de minhas desventuras. Em que dia nasci eu?

CLEMENTE — Não sei, não vos conheço.

BERNARDO — E a mim?

CLEMENTE — Também não vos conheço.

BERNARDO — Não te lembras então do dia em que me acolheste a mim e a uma mulher que pariu uma criança em tua gruta?

CLEMENTE — Lembro-me, sim, mas vós estais muito mudado.

BERNARDO — Batizaste o menino, logo após o nascimento?

CLEMENTE — Batizei.

BERNARDO — Por que o batizaste?

CLEMENTE — Parecia que ele ia morrer. Demorou a chorar e eu o batizei logo. A água, porém, fez com que ele chorasse e escapou.

CARLOS — Em que dia foi o nascimento?

CLEMENTE — Não sei, senhor.

CARLOS — Não sabes? Tu sabias que era o dia de São Sigismundo, pois com este nome o batizaste.

CLEMENTE — Eu não sabia de nada. A mãe foi quem mandou que eu o batizasse com o nome de Sigismundo.

PATRÍCIO — Não era então o dia de São Sigismundo?

CLEMENTE CLEMENTE — Não sei. Não sei em que dia estávamos nem em que dia se celebra a morte desse santo.

CARLOS — Não é possível! Estás enganado.

CLEMENTE — Quanto a isto, não. Não sei a data em que a criança nasceu, mas que o menino foi batizado com o nome de Sigismundo a pedido de sua jovem mãe, disto tenho certeza.

PATRÍCIO — Não era o dia do santo. Ela mentiu. Sigismundo é meu filho.

CARLOS — Teu filho? Só mesmo tu podias ter gerado um filho, com esses teus lombos impotentes! Por que teria ela mentido? Que interesse tinha ela em ocultar o filho, senão para esconder o seu adultério?

PATRÍCIO — Infame! Ousas te vangloriar de tua baixeza! Eu me vingarei. Trazei Rodolfo aqui.

Sai BERNARDO.

SIGISMUNDO — Preso, príncipe e talvez bastardo. Nem disso posso ter certeza? Que desejais com Rodolfo?

PATRÍCIO — A verdade.

CARLOS — A vingança, isso sim.

PATRÍCIO — Eu te implicarei, custe o que custar. Rodolfo será torturado até a morte, mas há de confessar tudo. E então, tu me pagarás a traição que praticaste contra mim e contra o reino.

CARLOS — Como desceste, tu, o homem de estado! Estás sendo levado agora somente pelo teu ódio.

PATRÍCIO — Sim, e que ele me conduza até o fim.

CLÁUDIA — Quereis torturá-lo ainda? Eu não o suportarei. Peço-vos. É preciso que alguém se detenha nessa queda em que todos parecem se despenhar de repente.

SIGISMUNDO — Que poder temos nós para mandar que alguma coisa se detenha? Deixai vogar, é o pedido que faço com toda a força de que disponho.

Entra BERNARDO com RODOLFO, este rasgado e ensanguentado.

CLÁUDIA — Rodolfo!

RODOLFO — Dá-me um pouco d'água, Cláudia.

CLÁUDIA — Toma. Fala, Rodolfo! Confessa tudo.

RODOLFO — Nunca.

CLÁUDIA — Eu não suporto mais que te torturem. Eu...

RODOLFO — Cala-te, Cláudia, não fales.

PATRÍCIO — Tomai-lhe a água.

SIGISMUNDO toma o copo de RODOLFO.

RODOLFO — Afinal, que desejais ainda que eu confesse? Confessei a morte desse homem...

CLÁUDIA — A morte? Tu o mataste? Por que fizeste isso?

RODOLFO — Como poderia eu sabê-lo? Foi um erro terrível que me perdeu.
Melhor teria sido que o rei afastasse este bastardo de meu caminho. Esta noite embruteceu-me, embotou o que eu tinha de melhor e deixei de pensar direito.

CLÁUDIA — Tu me associaste a teu crime. Estou perdida.

SIGISMUNDO — Que queres dizer?

RODOLFO — Não fales, e tudo estará salvo.

PATRÍCIO — Não fales? Então Cláudia sabe?

MARCÍLIO — Que vos dizia eu, senhor?

PATRÍCIO — Cláudia, conta-nos tudo. Se queres evitar que Rodolfo seja torturado...

RODOLFO — Não, afasta-te, Cláudia. Pensas que é fácil assim para eles se desfazerem de nós? Julgas que o que aqui se passou pode ser divulgado sem perigo para todos? Se nos perdermos, arrastaremos toda a família conosco. Com quem ficarão eles, se eu desaparecer? Com este bastardo, cuja história ninguém esclarecerá nunca?

CLÁUDIA — Cala-te, antes que eu enlouqueça. Não posso mais te ouvir.

RODOLFO — Que disse eu para te ferir assim?

CLÁUDIA — Que disseste? Pergunta antes que fizeste. Tu me fizeste mergulhar numa presença maléfica...

RODOLFO — Não fales, peço-te por tudo.

CLÁUDIA — Não fales? Acontece que eu não posso mais. Não posso mais, entendes? É preciso que sejamos punidos. Aceita a tua punição que eu aceitarei a minha. O que não posso é continuar suportando essa culpa. Vês? Estou ferida no corpo e na alma, uma ferida mortal.

RODOLFO — Cláudia!

CLÁUDIA — Por que me violaste?

SIGISMUNDO — Potências infernais!

CLÁUDIA — *(A RODOLFO.)* Sabe agora que eu te odeio.

MARCÍLIO — Então eras tu a mulher?

CLÁUDIA — Odeio-te tanto quanto uma pessoa pode odiar outra. Tu causaste a minha perda.

RODOLFO — Tu mesma o quiseste assim. Por que me exasperavas? Resisti quanto pude, mas enfim... Meu crime é tanto meu quanto teu.

MARCÍLIO — Assassino! Tu me pagarás.

Agarra-o e puxa o punhal. RODOLFO reage e saem lutando.

CARLOS — Separai-os!

SIGISMUNDO — *(Puxando o punhal.)* Não, que morra! Matarei a quem se mover!

CLÁUDIA — Socorro!

SIGISMUNDO — *(Dominando-a.)* Cala-te!

Grito de RODOLFO, fora.

SIGISMUNDO — Marcílio!

MARCÍLIO — *(À porta.)* Matei-o.

CLÁUDIA — Meu Deus!

CARLOS — Rodolfo, meu filho. *(Corre para fora.)*

MARCÍLIO — Vedes agora? Perdi tudo. É a minha resposta. Ide vós para o campo, meu príncipe. Sede o rei com que sonhava. Humanizai o poder! Adeus! *(Corre.)*

SIGISMUNDO — Marcílio! *(Segue-o.)*

VOZ DE MARCÍLIO — *(Fora.)* Ai!

SIGISMUNDO — *(À porta.)* Matou-se! Atirou-se da janela nas pedras do pátio.

CLÁUDIA — A culpa é minha. Deixa-me. Assim tinha que ser.

SIGISMUNDO — E Rodolfo? Tu o amavas?

CLÁUDIA — Não, mas ele me amava. Agora tenho certeza. Sofreu tanto, e não me denunciou.

PATRÍCIO — A mulher eras tu mesmo?

CLÁUDIA — Era eu, sim. Agora terminou. Estou presa para sempre a estas mortes.

PATRÍCIO — Que faço eu aqui ainda? Vou-me para longe de todos vós.

CLEMENTE — E eu, senhor? Esperava ser julgado agora. Há dois anos que estou preso, esperando o julgamento.

PATRÍCIO — Que Sigismundo te julgue. Sê o juiz, agora, Sigismundo, juiz de ti e de todos nós. Absolve-o ou condena-o, tu, causa de tudo quanto se passou. Julga a desgraça comum, pois sabes te portar na desgraça. Da minha, tu foste a pedra angular, tu, bastardo surgido das entranhas da terra para me desgraçar.

SIGISMUNDO — Cuidado, senhor. Eu...

PATRÍCIO — Cala-te tu. Que me podes fazer ou dizer ainda? Rodolfo tinha razão. Era melhor que todos se tivessem calado. Agora, julga tu mesmo o teu caso. Belo nome esse, *caso*. Quer dizer *caído*, um fato insólito que se desprende da eternidade para ser tragado pelo tempo e por suas dolorosas circunstâncias. Reúne-te, pois, a Clemente, que te trouxe ao mundo e te criou nos primeiros tempos, e vê se com ele forjas uma história mais pura para ser narrada em vez da tua.

SIGISMUNDO — Recebo a dignidade de que sou investido e cinjo o manto do juiz.

PATRÍCIO — Pobre juiz bastardo! Aproveita agora. És moço ainda. Logo chegará a velhice e não acreditarás então no teu poder de julgar. O mundo começa a agonizar. Começam a morrer os casos que viviam abraçados aos teus, homens, fatos, coisas, e quando chega a morte, é todo o teu mundo

que morre contigo. Sucede com todos nós, e como há alguém morrendo a cada instante, o mundo vive agonizando eternamente, ele e seus casos banhados de mistério. O meu já está assim, estrebuchando aos golpes de sua agonia e em breve morrerá. Adeus, juízes. *(Sai com BERNARDO.)*

SIGISMUNDO — *(A CLÁUDIA.)* Sai daqui, ventre desvelado. Vai para junto de tua morte e deixa só o juiz.

CLÁUDIA — De minha morte?

SIGISMUNDO — De tua morte, sim. Pensas então que acredito que esse despojo te violou? Tu mesma te entregaste a ele, para cevar teu desejo.

CLÁUDIA — É mentira. Tu não podes saber.

SIGISMUNDO — Não é difícil descobrir isso, mesmo para um juiz aprisionado. Podias ter resistido, mas nunca o faríeis. Tu... tu o desejavas.

CLÁUDIA — Estás enganado. Por que me acusas? Tu não tens o dom de saber o que se passa em mim. Ou de saber o que acontece com as mulheres.

SIGISMUNDO — É verdade, não tenho esse dom, mas eu experimentei isso. Sois vós que vos entregais. Não me exasperes. Duvidas do que eu disse? Pergunta a tua irmã. Ela dirá se estou mentindo.

CLÁUDIA — Estela? Que tem ela a ver com isso?

SIGISMUNDO — Ela se entregou a mim aqui, no mesmo lugar em que Rodolfo te possuiu. Nega agora o que te disse.

CLÁUDIA — É verdade? Por que fizeste isso?

SIGISMUNDO — Não quero mais ficar só, entendes? Sabes o que é sede? Eu sinto uma sede terrível e hei de saciá-la. Mas o ventre dela me traiu.

CLÁUDIA — Então Estela... Pobre irmã.

SIGISMUNDO — Nada há que lamentar. Se o ventre me traiu, a realeza e o poder de julgar acompanharão a minha solidão. Sai.

CLÁUDIA — Não tenho coragem. Por aí não. Rodolfo está aí.

SIGISMUNDO — Rodolfo morreu. O que está aí é somente o corpo e este logo apodrece. Esse corpo possuiu o teu e eu o odeio. Manda retirá-lo. A decomposição se apodera agora de Rodolfo.

CLÁUDIA — Cala-te. Por que me torturar mais? Tu nada sabias de Rodolfo.

SIGISMUNDO — E tu, sabias alguma coisa? Nele, como em mim e em ti, envolvia a bruma um edifício de gestos, uma treva mais espessa perdida na bruma geral. Que podias enxergar, que podes ver através da neblina? Nada. A bruma segue o corpo onde ele vá, e onde se alarga o gesto ela se distende, impedindo a visão e o grito. Sai por aqui.

CLÁUDIA *entra no quarto da rainha.*

SIGISMUNDO — E agora cinjo o manto do juiz para julgar o homem que me trouxe ao mundo.

CLEMENTE — Que sorte me destinais?

SIGISMUNDO — Decide tu mesmo. Já que não posso encontrar o homem que me gerou, julgarei em ti a minha história, em ti, o arquiteto da minha

soledade. Ouviste tudo. Achas que fizeste bem em me conduzir ao seio desta loucura?

CLEMENTE — Não sei. Pediram-me dormida e ajuda e eu dei o que me pediam. Quanto ao meu julgamento, peço misericórdia.

SIGISMUNDO — Não entendeste então, Clemente? O teu crime e a minha história são uma coisa só. Faze por entender o que te digo. Que crime cometeste?

CLEMENTE — Matei um homem.

SIGISMUNDO — Ah, mataste um homem. Por quê?

CLEMENTE — Envergonho-me de contá-lo, senhor.

SIGISMUNDO — Fala. Sou o teu juiz, entendeste? Fala, senão estás perdido. Quero conhecer tudo, esgotar a sabedoria. Por que o mataste?

CLEMENTE — Eu tenho um filho, um pouco mais moço do que vós. Ele me ajudava na guarda do rebanho e esse homem a quem matei era nosso vizinho. Ele nos roubava, era um homem corrupto. Depois, começou a aparecer no meu pasto e a sair com meu filho. Iam os dois juntos procurar mulheres, e um dia...

SIGISMUNDO — Continua!

CLEMENTE — Eu procurava uma cabra perdida e encontrei os dois, ele e meu filho, num comércio infame. Envergonhado até a morte e para livrar meu filho daquele demônio, e também porque o odiei, matei-o ali mesmo. Depois fui me entregar à prisão.

SIGISMUNDO — Por que te entregaste?

CLEMENTE — Porque estava arrependido.

SIGISMUNDO — Então por que o mataste? Querias destruir ou não?

CLEMENTE — No momento eu o desejei, mas depois...

SIGISMUNDO — Tu és um covarde.

CLEMENTE — É um crime matar, e eu o cometi. E eu sabia que era um crime. O padre o tinha dito na igreja, poucos dias antes. Era um aviso.

SIGISMUNDO — Não passas mesmo de um covarde. Então ias à igreja, galileu? Não podias matar. Não podias, entendes? Por que não mataste o teu filho?

CLEMENTE — Porque eu o amava.

SIGISMUNDO — Amar... Bela palavra essa de que se abusa no teu mundo. Deverias ter amado o morto também ou então matar a ambos.

CLEMENTE — Matar o meu pobre filho, senhor? Eu não sou louco. Nem para matá-lo nem para amar o homem que o corrompeu.

SIGISMUNDO — Então não tens coragem de enlouquecer, de viver tua loucura até a morte? Por quê? Fala, joelhos dobrados. Por que não tens coragem de enlouquecer?

CLEMENTE — Não sei, meu senhor.

SIGISMUNDO — Não sabes? Ouve então. Não tens coragem de enlouquecer porque teu sangue é incapaz de suportar os uivos da loucura. Tua vida, depois de enlouquecida, não caberia na tua carne. Tem pelo menos a coragem de confessá-lo. Não é isso que te fez recuar?

CLEMENTE — Não sei. Não entendo o que dizeis.

SIGISMUNDO — Não digas isso novamente. São as minhas roupas suntuosas que te afastam. Eu visto assim e tu assim, é somente isso. Por que não poderia eu entender o que dizes?

CLEMENTE — Tende piedade de mim, senhor. Sou um homem rústico e por isso, talvez, não vos entendais bem comigo, apesar de eu vos ter criado. Se vos lembrásseis, talvez fôsseis mais indulgente. Se vos lembrásseis da fome e da sede que eu sofria, talvez meu crime fosse mais perdoável. Às vezes, perdido, a sede me fazia chorar.

SIGISMUNDO — Então tu a sentes também, essa sede mortal, esse desejo ardente de que uma pessoa adorável nos destruía, passando a viver em nós a sua vida perfeita e sossegada?

CLEMENTE — Não sei, meu senhor, mas sentia muita sede. Quando eu deixava as regiões secas onde procurara durante todo o dia uma rês que se perdera, quando chegava a algum poço onde podia matar a sede, a água me parecia a melhor das criaturas de Deus.

SIGISMUNDO — Então não podes me entender? Tu poderias, se quisesses. Somente não fazes um esforço para isso. *(Agarra-o pelos ombros.)*

SIGISMUNDO — Olha-me bem. Tens coragem de encarar tua morte?

CLEMENTE — Estou condenado?

SIGISMUNDO — Entende o que te digo! Por que me desesperas? Pergunto se tens coragem de encarar a tua morte. Não tens essa coragem, sei-o agora, e somente a loucura é capaz de encarar a própria morte. Fala! Defende-te antes que seja tarde.

CLEMENTE — Defender-me? Que defesa posso apresentar se não entendo o que dizeis? Sinto apenas que vossas palavras estão carregadas de furor. Como podeis me julgar assim?

SIGISMUNDO — E aceitas o julgamento, guardador de cabras? Por que curvas teu pescoço? Não viste o que aqui se passou? Teus senhores estão se despedaçando mutuamente e aceitas este jugo?

CLEMENTE — Não tenho outro e aceito-o. Talvez este fato vos dê a todos uma ideia da terrível responsabilidade que pesa sobre vós.

SIGISMUNDO — Falaste agora do que entendi. Recebe então o meu julgamento, como recebo eu a minha responsabilidade. Recebe-o como resumo e salário de tudo o que aqui encontrei. Esgotei o ventre e não achei nele alívio à minha sede: que o traga o julgamento. Que o exercício de meu poder destrua a minha solidão, fazendo-me irmão do último dos réprobos. Recebe no meu julgamento o testemunho de que recuso a minha história, à qual foste tão fundamente ligado. Pelo processo de tudo isto, e não pela morte que cometeste, com a qual nada tenho, pelo inventário de minha desventura, eu te condeno, Clemente, a que pagues o teu preço, padecendo a tua morte. *(Empurra-o para fora, puxando o punhal.)*

VOZ DE CLEMENTE — *(Fora.)* Ai!

Entra CLÁUDIA.

CLÁUDIA — Sigismundo! Mataram-no.

SIGISMUNDO volta.

CLÁUDIA — Que fizeste?

Entram CARLOS e BERNARDO.

SIGISMUNDO — (*Limpendo o punhal.*) Procuro no sangue o que o ventre não me soube dar.

CARLOS — Que houve ainda aqui? Que crime, que pecado cometeste agora?

SIGISMUNDO — Pecado? Que significa este nome tão belo? Que sentido tem ele aqui? É a desordem introduzida na realeza? Mostrai-me então as águas ordenadas no sossego para que ele emerga delas sua face resplendente e decaída, como de um torvelinho solitário. Eu nasci com o pecado. Sou o vosso pecado, se na verdade me gerastes, e esse pecado é a única coisa que vos confere alguma nobreza. Mas se não sou vosso filho, vosso pecado se perde na bruma. O meu, não. Quereis vê-lo, enxergar a face de meu pecado? Ali está ele. Ide.

CARLOS — (*Da porta.*) Clemente! Por que o mataste?

SIGISMUNDO — Por ódio, talvez, que sei eu? Talvez para me igualar a todos vós, filhos da cólera e do temor. Exerci nele o meu julgamento condenando, com todos vós e comigo, essa história, tecida por um engano trágico.

CLÁUDIA — Que farás agora? Que faremos nós agora, cercados desse modo por tantos crimes?

SIGISMUNDO — Quanto a ti, não sei. Eu continuarei até onde o meu poder me leve e possa ser exercido. Por que não vens comigo?

CLÁUDIA — Estás coberto de sangue.

SIGISMUNDO — Julgas que estás menos do que eu? És capaz de me condenar?

CLÁUDIA — Não.

SIGISMUNDO — Então vem comigo.

CLÁUDIA — Para onde?

SIGISMUNDO — Para o campo. Minha história apagou-se agora, e tratarei daqui em diante de realizar a minha realeza. Conquistarei a cidade e o trono. Haverá melhor maneira de realizar o que pretendo? O rei verá quanto vale o bastardo.

CLÁUDIA — Desgraçado. Que podes conseguir com esse poder?

SIGISMUNDO — E tu, por que falas daquilo que desconheces? Tiveste já algum poder em tuas mãos? Sabes porventura o que ele significa? A ti, é impossível saber que sentido assume ele no meu sangue! Eu não sou tu, nem aquele que vês em mim. Sou eu mesmo e vou-me.

BERNARDO — Não saireis daqui. Chamai a guarda. Guardai as portas! (*Sai correndo.*)

SIGISMUNDO — Não há tempo a perder. Preciso de ti agora para transpor os portões. Vem e eu te darei uma vida nova. Destruirei também a tua história.

CLÁUDIA — É uma loucura...

SIGISMUNDO — Decide-te, duma vez. Vens?

CLÁUDIA — Vou.

CARLOS — Não vás. Talvez morras na luta e afinal...

SIGISMUNDO — Calai-vos. Que tenho convosco ainda? Voltai para junto do morto e esperai aí a vossa vez. Vivei o que vos resta ainda de vossa vida miserável, pois eu me vou. Voltarei para vos julgar a todos. (*À porta.*) E tu, adeus, guardador de cabras, pobre destroço de uma história extinta. Bem frágil és tu, imagem e semelhança, para sucumbires tão facilmente.

CLÁUDIA — Ouve, é a guarda.

SIGISMUNDO — Vamo-nos. Adeus.

Sai com CLÁUDIA. Entra PATRÍCIO.

PATRÍCIO — Guardai as portas. Que ele não possa fugir. Onde está Sigismundo?

CARLOS — Fugiu. Não o alcançarás nunca.

PATRÍCIO — Por onde saiu ele?

CARLOS — (*Apontando o lado contrário.*) Por ali.

PATRÍCIO — Vai sair pelos fundos do paço, então. Eu o prenderei. Guardas!

Sai correndo. Entra BERNARDO.

BERNARDO — Onde está o rei?

CARLOS — Saiu em busca de Sigismundo.

BERNARDO — É tarde, agora.

Entra PATRÍCIO.

PATRÍCIO — Não há ninguém. As portas estão fechadas.

BERNARDO — Ele fugiu.

PATRÍCIO — Por onde?

BERNARDO — Pela entrada principal.

PATRÍCIO — *(A CARLOS.)* Tu mentiste.

BERNARDO — Ninguém o deteve, por causa de vossa sobrinha. Ela conduziu o cavalo, pois o príncipe não sabia montar. A guarda, ignorando o que se passava, deixou-os ir.

PATRÍCIO — *(A CARLOS.)* É outro crime que cometes contra o estado. Tu o pagarás.

CARLOS — A mim, que importa tudo isso agora? Já me vinguei de tudo. Muito zeloso estás agora da causa pública. É o ódio que te move ainda. Nunca mais serás o mesmo, Patrício.

PATRÍCIO — Pois bem, é o ódio. E por que não? Odeio esse bastardo que veio destruir minha vida. Mas ele me pagará e tu também. Por que o desenterraste, Bernardo? Manda às portas da cidade um mensageiro para ver se ainda o prendem.

CARLOS — Toma cuidado. Talvez Sigismundo vença e se houver luta ele nos matará a todos.

PATRÍCIO — Eu não o temo. As tropas ainda me veneram e hão de lutar.

BERNARDO — Combatereis vós mesmo?

PATRÍCIO — Por que não? Comandarei a batalha. Os portões serão abertos e tudo se decidirá.

BERNARDO — É uma loucura.

PATRÍCIO — Talvez, mas não há outra saída. Ninguém pode mais contar com as tropas que vêm em caminho. Manda selar meu cavalo.

Sai BERNARDO.

PATRÍCIO — Quanto a ti, sabe que os soldados têm ordem de te matar a qualquer tentativa de fuga.

CARLOS — Ficarei junto ao corpo de meu filho, aguardando tua volta. Quem sabe se não esperaremos juntos a morte? Diante de um moço como Sigismundo, nós estamos muito menos separados do que pensas. Verás: aqui ficaremos, novamente em comunhão perfeita, unidos pelo temor comum a um incompreensível jovem cheio de cólera. Deus te acompanhe.

Saem.

CORO

As águas não choveram tua sede.
O ventre aberto, o sangue desvelado

Entregues ao poder e ao julgamento
Encerraram na cinza o grito e a lápide.
Que procuras na guerra? O teu suspiro?
O opróbrio de teus ossos desolados?
Ouço o sangue agitar sua couraça
Espumando cólera e terror.
Já caminhaste o ventre e o julgamento
E eis que o poder revela seu deserto.
Regressa à casa, ao corpo e ao teu princípio.
Por que buscar as águas no deserto?
Os capitães da morte andam na noite
Sangrando sua chaga irreparável,
Sua boca cerrada e a face inútil;
O novo dia geme encarcerado
Nas entranhas das fêmeas devastadas,
E o homem tenta o brado solitário
Açoitado na noite e no mistério.
Enfim, que tenho a ver com teu desejo?
Vai: leva tua sede onde quiseres
Pois no pasto de pó da terra amarga
Sempre o senhor, a besta e os sete cornos
Encontrarás, mais baixos do que tu,
Mordendo o velho pó e o teu desprezo.
Cuida, porém, na sede. Eis que ela cresce:
Não se eternize em dentes rangedores.
Passada a porta é o fim do teu mistério,
Teu dom realizado e o irreparável.
E o rumor do combate continua.

Entra ESTELA e ajoelha-se ao pé da cadeira próxima ao quarto da rainha. Entra CARLOS.

CARLOS — Enfim te encontro... Perdoa. Estavas rezando?

ESTELA — Estava. Pedia à rainha que intercedesse por todos nós e por ele, principalmente.

CARLOS — Onde estiveste durante todo esse tempo?

ESTELA — Na capela, rezando.

CARLOS — Dize-me, Estela, acreditas em tudo isto? Em tudo?

ESTELA — Tudo o quê?

CARLOS — Em rezar aos mortos e pedir por eles, por exemplo. Acreditas que isto...

ESTELA — Não tenho a menor dúvida. O que não sei é se depois de tudo isso minha prece tem algum valor. E vós?

CARLOS — Não sei. Nunca pensei nisso, mas hoje, depois dessa noite terrível... Que tens?

ESTELA — Nada. Temo por Sigismundo. Por que agiu ele assim?

CARLOS — Não sei. Eu não conheço Sigismundo. Por que te lembraste dele?

ESTELA — Porque falastes nos acontecimentos desta noite. Quem, mais do que ele, sofreu estes crimes? Meu Deus, não chega notícia dessa luta?

CARLOS — Se ele vencer, estamos nas suas mãos.

ESTELA — E se perder?

CARLOS — Creio que Patrício o matará.

ESTELA — Será possível? Que teremos de ver ainda, meu Deus?

CARLOS — Em breve o saberemos. Tudo se decidirá na batalha que se está travando.

ESTELA — Terá ele coragem de matar o filho?

CARLOS — Ninguém saberá nunca de quem Sigismundo é filho, se ele é bastardo ou não.

ESTELA — Que importa isso? Sois vós os culpados de tudo. Preparastes todos os acontecimentos desta noite, os crimes, os adultérios e as traições. Vós o prendestes, torturando-o durante toda a vida, e quando o libertastes foi para lançá-lo no meio desta comunhão de danados. E ele precisava era de ser mergulhado na torrente da comunicação dos santos, que banharia a sua solidão. A culpa é de todos vós.

CARLOS — Acalma-te, Estela!

ESTELA — Acalmar-me! Eu o amo, e ele talvez esteja morrendo agora.

CARLOS — Então tu amaste a esse louco?

ESTELA — Amei-o e amo-o ainda, e não quero mais viver convosco, que contribuístes para sua perda. Deixai-me. Se ele sobreviver, levá-lo-ei para longe daqui e salvá-lo-ei de vós.

CARLOS — Quererá Sigismundo ser salvo? Tu não o viste aqui, antes de sua fuga para o campo. Deixou que Marcílio matasse meu filho e se matasse a si próprio, e acabou por assassinar o pastor que o trouxe ao mundo.

ESTELA — Eu sei. Sofro por ele, mas em que vem isso afetar o amor que lhe tenho? Eu o amo com todo o meu ser. Tudo se transformou para mim, depois que me entreguei a ele.

CARLOS — Tu?

ESTELA — Eu, sim. Acreditais agora? Eu o amo. Cometi um pecado terrível para ficar com ele!

CARLOS — Por que o fizeste?

ESTELA — Não sei, não sei mais de nada. Creio que é por causa do que fiz. Tudo se transformou. Ele me insultou, depois de tudo, e eu mereci o seu desprezo. Quem sou eu para vos incriminar? Também fui indigna e má, contribuí para sua perda, fazendo-o pensar que todos eram como eu. Agora pago tudo com o meu sofrimento. Por que sofremos tanto, todos nós?

CARLOS — Não te tortures mais. Já tens o teu quinhão e basta para uma vida.

ESTELA — Para uma vida... Que vida posso ter de hoje em diante? Pedi, ao rezar, que esse quinhão crescesse até igualar o dele, até ultrapassá-lo. Isso só pode acontecer se até o meu amor for esvaziado e espezinhado. Não consigo mais amar meu Deus tanto quanto a ele, mas se minha vontade for atendida Sigismundo estará salvo e eu desgraçada para sempre. Que barulho é esse? Será alguma notícia?

CARLOS — Vou saber.

Entra BERNARDO.

CARLOS — Então?

BERNARDO — Sigismundo venceu.

ESTELA — Venceu?

BERNARDO — Venceu, sim. As tropas leais ao rei estão sendo completamente desbaratadas.

CARLOS — E Patrício, onde está?

BERNARDO — Vem em caminho para cá, cercado pela guarda. Estará aqui dentro de poucos momentos. Quis ainda reunir os soldados dispersos, mas a fuga era desordenada e foi impossível contê-la. Ajudei-o quanto pude, mas depois eu próprio o aconselhei a desistir.

ESTELA — Aí vem o rei.

Entra PATRÍCIO.

BERNARDO — Fechemos os portões. *(Sai.)*

CARLOS — Então foste vencido, meu irmão. Não contavas com a derrota. Eu te preveni.

PATRÍCIO — Deixa-me em paz. Por que nos despedaçarmos agora, quando a morte está próxima? Maldito seja Sigismundo. Foi ele a causa de tudo. Parecia um demônio encarnado. E creio que na verdade ele o é.

ESTELA — Por que dizeis isso, vós que nada fizestes por ele?

PATRÍCIO — O fato é que ele cumpriu tudo o que se havia predito. Em poucas horas destruiu a vida de todos nós. Rodolfo morto, Marcílio morto.

Cláudia desonrada e todos nós agora a caminho da morte.

ESTELA — Não foi Sigismundo quem os perdeu.

PATRÍCIO — Por que não? Foi ele quem nos perdeu a todos, a ti inclusive. Por que o defendes? Julgas que foste poupada? Ou perdoaste o fato de ele ter levado tua irmã consigo, tu que a amavas tanto?

ESTELA — Cláudia?

PATRÍCIO — Sim, Cláudia. Ele a levou consigo, para juntá-la a seus planos infernais. Ele...

CARLOS — Cala-te, Patrício.

PATRÍCIO — Por quê? É preciso...

CARLOS — Cala-te, já disse. Por que magoá-la? Ela se entregou a Sigismundo.

PATRÍCIO — Meu Deus! Nesse caso, ele te perdeu mais do que eu julgava.

ESTELA — Contai-me tudo, peço-vos. Cláudia foi... de vontade própria?

PATRÍCIO — Creio que sim.

ESTELA — E ela amava Sigismundo?

PATRÍCIO — Que sei eu? O mundo de repente parece habitado por loucos. Não entendo mais nada. Mas não desesperes.

ESTELA — Que posso eu fazer? Parece que meu pedido foi atendido.

PATRÍCIO — Não chores por esse monstro. E Cláudia, que loucura se apossou dela?

Entra BERNARDO.

BERNARDO — Senhor, a guarda está apavorada. Há um clarão enorme no céu.

PATRÍCIO — Sigismundo está incendiando a cidade. Prometeu aos soldados que, se vencesse, entregaria tudo à pilhagem. Depois da vitória, não só não tentou contê-los, como está ele mesmo comandando o saque. Com um facho na mão, incendeia as casas saqueadas, cercado por um grupo de assassinos. Graças à confusão pude chegar até aqui.

ESTELA — Meu Deus! Vou procurá-lo.

PATRÍCIO — Fica aqui, peço-te.

ESTELA — Não, soltai-me. Não posso deixá-lo sozinho!

PATRÍCIO — Ordeno-te que fiques. Tu não o acharias nessa cidade em chamas. E mesmo, por que buscá-lo? Em breve estará aqui. Há de querer incendiar o paço, mais do que qualquer outra coisa, queimá-lo e entregar-nos a seus cães.

Gritaria fora. Rumor de armas.

BERNARDO — (*À janela.*) Senhor, forçaram os portões. A guarda está se rendendo.

PATRÍCIO — É o fim. Aí vem ele.

CARLOS — Que te dizia eu? Vês como estamos agora unidos, apesar de tudo?

Clarim. Entra SIGISMUNDO, com um facho.

SIGISMUNDO — ...E que o fogo se aposse do paço. Ouvis estas vozes cheias de ódio? São os meus soldados. Encheram o pátio e esperam ansiosos que eu apareça à sacada para iniciar o incêndio. Este facho é o sinal que eles esperam. Quando eu o jogar no pátio o saque terá início.

Vai à sacada. Gritaria.

SIGISMUNDO — Ouvis?

Agita o facho. A gritaria sobe.

SIGISMUNDO — É uma bela coisa, o fogo. Nunca o tinha visto, e difícil foi habituar a ele os meus olhos.

ESTELA — Onde está Cláudia?

SIGISMUNDO — Lá fora, aguardando o chamado do vencedor. Vede como ela é boa! Como se interessa pela sorte da irmã! Dissoluta! Agora eu vos conheço a todos. Perguntais por Cláudia: quereis saber de tudo?

PATRÍCIO — Que fizeste com ela? Mataste-a?

SIGISMUNDO — Matá-la? Por que iria eu matá-la se podia gozar o seu corpo? Apresentei-a aos rebeldes como minha noiva. Minha noiva! E eles acreditaram; depois, levei-a para a tenda de campanha e lá, quando ela já consentira, recusei o seu corpo. É melhor do que o teu, Estela.

ESTELA — Pobre de nós.

SIGISMUNDO — Quanto aos rebeldes, libertei os chefes, comuniquei-lhes a morte de Rodolfo e a de Marcílio e acenei-lhes com o saque, sob o meu comando. Foi o bastante. Mas aí vem Cláudia.

Entra CLÁUDIA. Estela abraça-a.

SIGISMUNDO — Está ainda tremendo, vedes? São muitas emoções para uma só noite. Violada por um homem e desprezada pelo príncipe rebelde, pelo bastardo que a fortuna adotou. Deixa a tua irmã, que tens tu com ela? Fica comigo. Belo par de noivos formamos juntos, um bastardo e uma prostituta. Por que tremes? Fala! Onde está tua coragem? Firma o queixo. Antes não estavas assim, por que estás agora? Nada do que fizeste é pecado!

CLÁUDIA — Estela, perdoa-me.

ESTELA — Que tenho a te perdoar, Cláudia?

CLÁUDIA — Marcílio tinha razão. Não passo de uma fêmea impura, da última das mulheres. *(Sai correndo.)*

ESTELA — Cláudia, onde vais?

SIGISMUNDO — Fica. Daqui não sairá ninguém.

ESTELA — Deixa-me. Não me faças sofrer mais.

SIGISMUNDO — Não há motivo de sofrimento, agora. Estamos todos unidos e os sábios foram apanhados na própria astúcia. Todos unidos, um bando de fornicadores, idólatras, adúlteros, efeminados, ladrões, avarentos,

assassinos e palhaços ambiciosos. O saque da cidade, devíeis presenciá-lo. Um espetáculo desgracioso. Como são pobres os homens no seu desafio, quão boçais na sua danação! E o sangue a inflamar-se para cobrir tudo o que há de inerte e apodrecido nessa esquerda danação. Que sabeis disso, matilha acovardada?

PATRÍCIO — Julgas-te melhor? Achas que ainda poderás ir longe?

SIGISMUNDO — Calai-vos! Que podeis entender de tudo o que vos disse? Posso matar a todos os que estão aqui. Acautelai-vos, portanto. Neste mesmo lugar matei um homem porque se recusou a me acompanhar e agora conquistei o poder de vos matar a todos.

ESTELA — Sigismundo...

SIGISMUNDO — A ti recuso qualquer palavra. Não quero ouvir teus queixumes mentirosos e cheios de ciladas. És a pior de todos, respiras libertinagem e hipocrisia. Sou um homem sedento, ouviste? Já sabes a que extremos pode me levar esta sede. E o poder me açula ao extremo. Vês o meu facho? Posso matar a todos, destruir-vos com um simples gesto.

CARLOS — Estás louco.

SIGISMUNDO — Não, estou apenas bêbado, bêbado de sede e hei de esgotar a minha embriaguez.

PATRÍCIO — Esgotar a sede? Que sorte nos destinais?

SIGISMUNDO — Mantendes ainda alguma dúvida? É a justiça quem me impele a destinar todos vós à torre. Um belo destino, este. Ele vos trará a liberdade, o desregramento completo. Podereis saciar à vontade os vossos apetites, longe dos olhos do mundo. Ser-vos-á permitido o total despedaçamento mútuo, enquanto esperais a morte. Entregai-vos ao

crime, ao incesto, ao ódio, ninguém saberá de nada. É uma estranha e nova liberdade. Antes porém quero ver a cela em que vivi. Qual o caminho para chegar lá?

BERNARDO — Segui por aqui.

SIGISMUNDO — E as máquinas que erguem a porta?

BERNARDO — Estão no fim do corredor. Tomai cuidado: o homem que as construiu já morreu e uma vez quebradas, não haverá...

CARLOS — Cala-te, Bernardo...

SIGISMUNDO — Calai-vos vós. Por que interrompê-lo agora? Já ouvi bastante. Se eu vos puser lá e quebrar as máquinas, jamais saireis, mesmo que eu viesse a me arrepender. Quanto tempo leva a porta a cair?

BERNARDO — (*A PATRÍCIO.*) Devo falar, senhor?

SIGISMUNDO — Fala, sou eu quem ordena, sabujo. Estás nas minhas mãos agora. Queres morrer logo, antes dos outros cães? Escolherei uma morte terrível para ti. Queres que te incendeie as roupas? Fala. Seria um belo espetáculo, tuas roupas ardendo e tu a correres como um louco para fugir de ti mesmo, tentando escapar de tuas próprias chamas, tu, criatura de lama, que nunca ardeste de modo nenhum! Vai, dize! Ou queres morrer queimado?

PATRÍCIO — Dize-lhe tudo, Bernardo.

SIGISMUNDO — Calai-vos, já disse. Fala tu, sabujo.

BERNARDO — A porta leva quase um quarto de hora para fechar, depois de acionado o maquinismo. É muito pesada.

SIGISMUNDO — Está bem, verificarei eu mesmo. Que ninguém tente fugir. Os soldados têm ordem de prender qualquer pessoa que saia daqui, caso em que deverão invadir o paço e incendiar os corpos de todos para vos tanger à gruta ardendo. Seria uma procissão belíssima, todas estas roupagens gloriosas chamejando, e vós, um rebanho incendiado a caminho da sepultura; um espetáculo digno deste mundo festivo e sangrento a que cheguei sem querer. Esperai-me, portanto. *(Sai.)*

BERNARDO — Ouvis? Destruíu os maquinismos. A porta começou a cair.

CARLOS — É preciso fugir. Seremos sepultados vivos por esse louco.

PATRÍCIO — Fugir? Como? É impossível. Que é isso? Cláudia!

Ouve-se um grito de mulher e CLÁUDIA entra descalça, vestida de burel, a cabeça coberta de cinza. Prosterna-se profundamente diante de ESTELA.

ESTELA — Cláudia, que tens? *(Abraça-a.)* Levanta-te. Cláudia, fala! Senhor!

PATRÍCIO — Cláudia, minha filha, que tens?

CLÁUDIA — Nada. Vou-me embora.

CARLOS — Não saias. Aqueles assassinos te matarão.

CLÁUDIA — Quem me pode matar? Soltai-me. Soltai-me, comedores de pó!

Entra SIGISMUNDO.

SIGISMUNDO — Que houve contigo?

PATRÍCIO — Está louca. Tua maldade levou-a à loucura.

SIGISMUNDO — Soltaí-a! Faltava-me ver isso, neste mundo, o espetáculo de uma loucura completa. Soltaí-a! *(Entrega o facho a ESTELA.)* Eu mesmo a libertarei.

CARLOS — Não faças isto. Ela quer sair. Teus assassinos a matarão.

CLÁUDIA *se desprende e corre.*

ESTELA — Cláudia!

BERNARDO *corre, tentando deter CLÁUDIA, e sai. Pausa rápida.*

ESTELA — Cláudia, volta! *(Corre para a janela.)*

SIGISMUNDO — Estela, o facho!

Gritaria fora. SIGISMUNDO *toma o facho.*

SIGISMUNDO — Causaste a sua morte! *(À janela.)* Esperai, soldados! É cedo!

PATRÍCIO — Assassino! Covarde!

BERNARDO — *(À porta.)* Mataram-na, senhor.

ESTELA — Cláudia, minha irmã, matei-a. Sigismundo, meu amor, não posso mais!

CARLOS — Recua, recua enquanto é tempo, Sigismundo.

SIGISMUNDO — Recuar! E sois vós, que me gerastes talvez, quem me vem dizer que devo recuar! Não posso, não posso mais, ouvistes? Minha sede piorou. Por que me gerastes? Por que me prendestes? Por que viveis? Julguei que extinguiu minha história e eis que ela regressa com mais intensidade, encarando-me com seu rosto maldito!

BERNARDO — Conformai-vos. Tudo aquilo sucedeu porque assim tinha que ser.

SIGISMUNDO — Mentos, cão servil. Nada disso devia ter me acontecido. Eu me recuso a aceitá-lo. Invoco a mim próprio contra esta brutal e cega conjuração de fatos, contra esta máquina enlouquecida que me quer esmagar. É uma luta desigual de que talvez eu saia despedaçado, mas não renunciarei a ela! Recuso-me, ouvistes?

BERNARDO — (*À janela.*) Senhor, as tropas chegaram.

SIGISMUNDO — Que adianta isso para vós? Quer dizer apenas que o jogo continuará, mas terei tempo de recusar o que me esmaga.

PATRÍCIO — Hás de sucumbir, louco!

SIGISMUNDO — Que seja! Contanto que eu possa vomitar o vosso mundo, com seus ventres abertos ao furor luxurioso, um furor que torna a minha sede intensa até a morte!

CORO

Sacrifica esta sede a teu deserto

E o deserto será teu aqueduto.

SIGISMUNDO — Não, não aceito esta sede. Abrirei as saídas de meu sangue e expulsarei com ele o julgamento e o sangue do pastor que incendeiam a minha sede.

CORO

Sacrifica esta sede a teu deserto
E o deserto será teu aqueduto.

SIGISMUNDO — Sim, expulsarei o ventre, o sangue e o poder do fogo. Onde então dessedentar-me? Eu não sou comedor de pó como vós, a quem o ventre assim chamou antes de sucumbir. Vomito o vosso mundo. Vi nele a ira assumir o semblante da doçura... Rostos angélicos contorcidos pela fadiga de sentimentos bestiais e rostos brutais magoados pela expressão de uma dificultosa piedade. E sangue por toda parte, sangue e desprezo por tudo quanto se reputava nobre. Julgai-vos melhores do que eu, comedores de pó? Sois tão bastardos e abortos de prisão quanto Sigismundo. Um bando cego de desconhecidos, um rebanho de embuçados, balbuciando na treva seus gemidos inconfessáveis. E assim, solidão por solidão, antes a minha, em que eu não era obrigado a suportar o peso desta fraternidade dolorosa. Nem a bruma cega que me envolve ouve o meu grito. Só há um caminho para o fim de minha sede, é a libertação desta bruma que estende além de mim sua impassível distorção. E eu buscarei o fim de minha sede.

CORO

Sacrifica esta sede a teu deserto
E o deserto será teu aqueduto.

SIGISMUNDO — Eu vos conheço! Por que tentais dissimular vossa aterrorizada objeção? Tende coragem! Gritai, que a morte tem ouvidos surdos aos gemidos daquele que tenta se libertar! Por que vos calais? Estais mais próximos da morte do que eu! Que adianta recuar, protestar com toda a

força do sangue, se ela se aproxima com seu pulsar inquietador? É isso que não tendes coragem de me dizer? Sabei então que posso me libertar, eu, Sigismundo, configurando eu mesmo a minha morte. Organizarei, antes que ele próprio se insinue no meu sangue, o coro de seus latidos enfurecidos, e a sede se extinguirá comigo. Nasci numa gruta selvagem e noutra fui encerrado. Que aí se consuma Sigismundo, sepultado na máquina de treva que ele agora forja e aceita para a sua sede. Adeus!
(Corre para a cela.)

ESTELA — *(Seguindo-o.)* Sigismundo!

PATRÍCIO — Não a deixes ir!

CARLOS — É tarde.

ESTELA — *(Fora.)* Sigismundo!

BERNARDO — É na cela, senhor!

CARLOS — *(Correndo.)* Meu Deus!

PATRÍCIO — Detém a porta!

BERNARDO — A máquina foi destruída.

CARLOS — *(Voltando.)* Sepultados, ambos. A porta já estava quase fechada e Sigismundo passou pela abertura. Estela, gritando por ele, seguiu-o, e a porta cerrou-se sobre os dois.

BERNARDO — Matou-se para não se vingar de nós. Pobre e infeliz príncipe. Que fizemos nós dele?

PATRÍCIO — Fizemos-lhe o mesmo que fizemos a nós, impelindo-o ao desespero, a um desespero que exigia um fim. Por que tudo isso, se no final voltamos ao que se vê, uma pobre família despedaçada pelo infortúnio? Uma família que nunca tinha feito mal a ninguém e que enlouqueceu de repente, para perder a si própria e ao reino confiado a sua guarda!

BERNARDO — Por que falar assim? Vossas palavras me fazem mal, senhor. Enfim, estamos salvos. Foi a dádiva do príncipe a nós.

PATRÍCIO — Salvos, sim, mas a custa de quê? Rodolfo, Marcílio e Cláudia mortos, os crimes por nós todos cometidos, este pobre pastor assassinado, Sigismundo e Estela sepultados talvez para sempre...

CARLOS — Estela! Nós pelo menos fizemos por onde merecer tudo isto, mas ela? Se pelo menos eu lhe pudesse falar...

BERNARDO — O príncipe cerrou também para sempre a abertura. É impossível. Nem alimento poderemos levar aos dois.

CARLOS — Não me conformo, não posso me conformar com isto. Deve haver um meio de abrir essa porta!

BERNARDO — Acalmai-vos, senhor. Precisamos de vós agora, para apaziguar estes loucos que nos esperam.

PATRÍCIO — Para sobreviver? Onde buscar força para tanto? Salva-te tu, amigo fiel. Quanto a nós, melhor será sucumbirmos. Dá-me o facho. Jogá-lo-ei lá fora e selaremos também o nosso fim.

BERNARDO — Não, senhor, perdoai-me. Deixai que eu o apague. Deveis, antes de tudo, falar ao povo e aos soldados; tendes obrigações para com o reino, obrigações sagradas, e é tempo de voltar a elas. Não vedes qual o vosso

dever? Se tudo se resolver, tentaremos de todos os modos abrir os portões e salvar os dois príncipes. Realizaremos os funerais de vossa esposa e tudo poderá recomeçar.

PATRÍCIO — Tens razão, Bernardo. Começemos logo aqui a reparação que nos legou a sede de Sigismundo. *(Tira as algemas de CARLOS.)*

CARLOS — Patrício, meu irmão...

PATRÍCIO — Deixa. Que poderias me dizer que eu não soubesse? Sinto-me como tu. Deixemos o que passou. Cuidemos juntos de restaurar em nós aquilo que Sigismundo chamava realza, na sua bela e rude linguagem de aprisionado. Encarrega-te dos teus homens, entre as tropas que chegam. Eu cuidarei dos meus. Que ao menos para revelar algo de verdadeiro tenha servido essa passagem de fogo.

BERNARDO — Vamos, então. O dia chega.

Saem.

CORO

O ciclo não se fecha e a manhã chega.
As areias insones do deserto,
Volvidas pelo vento e pela morte,
Penetraram no véu com tua sede.
Sonhavas encontrar águas ausentes
No termo voluntário do mistério.
Sabe, porém, que além de teu limite,
Atrás da porta e do arco desolado,
Encontrarás somente o teu regresso.
Quanto a vós, apegai-vos aos destroços,
Que a manhã chega e o ciclo não se fecha.
Pois, seja nessas águas que sonhais,
Seja em tumbas de amarga privação,

Já levareis no termo o cumprimento
E achareis, fenda vã, passada a porta,
A velha teia e a trama exacerbada.

PANO.

